

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

ANO XXIII — Nº 65

CAPITAL FEDERAL

SEXTA-FEIRA, 6 DE SETEMBRO DE 1968

TA, EM 5 DE SETEMBRO
ATA DA 66ª SESSÃO CONJUN-
DE 1968.

2ª Sessão Legislativa.

Ordinária, da 6ª Legislatura.
Sessão Solene Destinada a Re-
ceber a Visita do Senhor
Eduardo Frei Montalva, Pre-
sidente da República do Chile

PRESIDENCIA DO SR. PEDRO
ALEIXO.

As 16 horas e 45 minutos
acham-se presentes os Srs. Se-
nadores:

Adalberto Sena
Flávio Bittó
Edmundo Levi
Milton Trindade
Caliete Pinheiro
Lobão da Silveira
Clodomir Milet
Sebastião Archer
Victorino Freire
Petrônio Portela
Sigefredo Pacheco
Menezes Pimentel
Duarte Filho
D. nante Mariz
Ruy Carneiro
Argemiro de Figueiredo
Domicio Gondim
Pessoa de Queiroz
José Ermírio
Arnaldo Paiva
Júlio Leite
Aloysio de Carvalho
Antônio Balbino
Jesaphat Marinho
Carlos Lindemberg
Paulo Tôrres
Aarão Steinbruch
Vasconcelos Tôrres
Aurélio Viana
Gilberto Marinho
Nogueira da Gama
Carvalho Pinto
João Abrahão
Armando Storni
Pedro Ludovico
Fernando Corrêa

CONGRESSO NACIONAL

Ney Braga

Adolpho Franco

Mello Franco

Celso Ramos

Antônio Carlos

Atílio Fontana

Guido Mondin

Daniel Krieger

E OS SRS. DEPUTADOS:

Acre:

Geraldo Mesquita — ARENA

Jorge Lavocat — ARENA

Maria Lúcia — MDB

Nosser Almeida — ARENA

Ruy Lino — MDB

Wanderley Dantas — ARENA

Amazonas:

Abrahão Sabbá — ARENA

Bernardo Cabral — MDB

Carvalho Leal — ARENA (28 de fe-
vereiro de 1969)

Joel Ferreira — MDB

José Lindoso — ARENA

Raimundo Parente — ARENA

Wilson Calmon — ARENA (1) de
novembro de 1968)

Pará:

Armando Corrêa — ARENA

Gabriel Hermes — ARENA

Gilberto Azevedo — ARENA

Haroldo Velloso — ARENA

Hélio Gueiros — MDB

Juvêncio Dias — ARENA

Montenegro Duarte — ARENA

Maranhão:

Afonso Malos — ARENA (18 de se-
tembro de 1968)

Alexandre Costa — ARENA

Ameríco de Souza — ARENA

Cid Carvalho — MDB

Emílio Murad — ARENA

Euclíco Ribeiro — ARENA

Freitas Diniz — MDB

Henrique de La Rocque — ARENA

José Burnett — MDB

José Marão Filho — ARENA

Luiz Coelho — ARENA (16.9.68)

Nunes Freire — ARENA

Pires Saboia — ARENA

Renato Archer — MDB

Temistocles Teixeira — ARENA

Vieira da Silva — ARENA

Piauí:

Chagas Rodrigues — MDB

Ezequias Costa — ARENA

Fausto Castelo Branco — ARENA

Heitor Cavalcanti — ARENA

Joaquim Parente — ARENA

Milton Brandão — ARENA

Paulo Ferraz — ARENA

Sousa Santos — ARENA

Ceará:

Deimiro Oliveira — ARENA

Edilson Melo Távora — ARENA

Ernesto Valente — ARENA

Figueiredo Corrêa — MDB

Flávio Marcilio — ARENA

Furtado Leite — ARENA

Hildebrando Guimarães — ARENA
(17.9.69)

Humberto Bezerra — ARENA

Jonas Carlos — ARENA

Leão Sampaio — ARENA

Manuel Rodrigues — ARENA

Martins Rodrigues — MDB

Padre Vieira — MDB

Regis Barroso — ARENA

Wilson Roriz — ARENA

Rio Grande do Norte:

Agenor Maria — ARENA

Alvaro Motta — ARENA (23.1.69)

Erivan França — ARENA (17.1.69)

Grimaldi Ribeiro — ARENA

Theodorico Bezerra — ARENA

Xavier Fernandes

Paraíba:

Bivar Olinto — MDB

Ernani Satyro — ARENA

Humberto Lucena — MDB

Janduhy Carneiro — MDB

João Fernandes — MDB (27.10.68)

Monsenhor Vieira — ARENA

Osmar de Aquino — MDB (29 de
dezembro de 1968)

Pedro Gondim — ARENA

Plínio Lemos — ARENA (1.1.69)

Wilson Braga — ARENA

Pernambuco:

Adcirbal Jurema — ARENA

Alde Sampaio — ARENA (21.12.68)

Andrade Lima Filho — MDB (31
de outubro de 1968)

Antônio Neves — MDB

Arruda Câmara — ARENA

Aurino Valois — ARENA

Bazerra Leite — ARENA (30.12.68)

Carlos Alberto Oliveira — ARENA

Cid Sampaio — ARENA

Geraldo Guedes — ARENA

João Roma — ARENA

José-Carlos Guerra — ARENA

Josias Leite — ARENA

Milvernes Lima — ARENA

Paulo Maciel — ARENA

Petronílio Santa Cruz — MDB (6
de outubro de 1968)

Souto Maior — ARENA

Tabosa de Almeida — ARENA

Alagoas:

Aloysio Nonô — ARENA

Cleto Marques — MDB

Djalma Falcão — MDB

Luiz Cavalcante — ARENA

Medeiros Neto — ARENA

Orfas Cardoso — ARENA

Segismundo Andrade — ARENA

Sergipe:

Arnaldo Garcez — ARENA

José Onias — ARENA (15.11.68)

Luis Garcia — ARENA

Machado Rollemberg — ARENA

Passos Pôrto — ARENA

Bahia:

Alves Macedo — ARENA

Clodoaldo Costa — ARENA

Edgard Pereira — MDB

Edvaldo Flores — ARENA

Fernando Magalhães — ARENA

Hanequim Dantas — ARENA

João Alves — ARENA

João Borges — MDB

Josaphat Azevedo — ARENA (SE)
 José Penedo — ARENA
 Luís Athayde — ARENA
 Luiz Braga — ARENA
 Manuel Novaes — ARENA
 Mário Piva — MDB
 Ney Ferreira — MDB
 Odulfo Domingues — ARENA
 Oscar Cardoso — ARENA
 Raimundo Brito — ARENA
 Rubem Nogueira — ARENA
 Ruy Santos — ARENA
 Theodulo de Albuquerque — ARENA
 Tourinho Dantas — ARENA
 Vasco Filho — ARENA
 Wilson Falcão — ARENA
 Espírito Santo:
 Argilano Dario — MDB (26.12.68)
 Feu Rosa — ARENA
 João Calmon — ARENA
 Mario Gurgel — MDB
 Oswaldo Zanello — ARENA
 Parente Frota — ARENA
 Raymundo de Andrade — ARENA
 Rio de Janeiro:
 Adolpho de Oliveira — MDB
 Afonso Celso — MDB
 Alair Ferreira — ARENA (19.9.68)
 Alair Lima — MDB
 Ario Theodoro — MDB (SE)
 Carlos Quintella — ARENA (19 de setembro de 1968)
 Daso Coimbra — ARENA
 Dayl de Almeida — ARENA
 Getúlio Moura — MDB
 José Saly — ARENA
 Júlia Steinbruch — MDB
 Mário de Abreu — ARENA
 Mário Tamborindeguy — ARENA
 Miguel Couto — ARENA (SE)
 Paulo Biar — ARENA
 Pereira Pinto — MDB (22.2.69)
 Raymundo Padilha — ARENA
 Sadi Bogado — MDB
 Guanabara:
 Amaral Neto — ARENA
 Amauri Kruehl — MDB (SE)
 Arnaldo Nogueira — ARENA (UNESCO)
 Breno Silveira — MDB
 Cardoso de Menezes — ARENA
 Erasmo Martins-Pedro — MDB
 Hermano Alves — MDB
 Jamil Amiden — MDB
 Márcio Moreira Alves — MDB
 Mendes de Moraes — ARENA
 Nelson Carneiro — MDB
 Pedro Faria — MDB
 Raul Brufini — MDB
 Reinaldo Sant'Anna — MDE
 Rubem Medina — MDB
 Waldyr Simões — MDB
 Minas Gerais:
 Ácio Cunha — ARENA
 Aquiles Diniz — MDB

EXPEDIENTE

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL

DIRETOR-GERAL
ALBERTO DE BRITTO PEREIRA

CHEFE DO SERVIÇO DE PUBLICAÇÕES
J. B. DE ALMEIDA CARNEIRO

CHEFE DA SEÇÃO DE REDAÇÃO
FLORIANO GUIMARÃES

DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

Impresso nas oficinas do Departamento de Imprensa Nacional — BRASÍLIA

Aureliano Chaves — ARENA Austregésilo Mendonça — ARENA Bento Gonçalves — ARENA Bias Fortes — ARENA Celso Passos — MDB Dnar Mendes — ARENA Edgard-Martins Pereira — ARENA Elias Carmo — ARENA Francelino Pereira — ARENA Geraldo Freire — ARENA Gilberto Almeida — ARENA Guilherme Machado — ARENA Guilhermino de Oliveira — ARENA Gustavo Capanema — ARENA Hélio Garcia — ARENA Hugo Aguiar — ARENA Israel Pinheiro Filho — ARENA Jaeder Albergaria — ARENA (ME) João Herculino — MDB José Bonifácio — ARENA José-Maria Magalhães — MDB Luis de Paula — ARENA Manoel de Almeida — ARENA Manoel Taveira — ARENA Marcial do Lago — ARENA (SE) Mata Machado — MDB Mauricio de Andrade — ARENA Milton Reis — MDB Murilo Badaró — ARENA Nícia Carone — MDB Nogueira de Resende — ARENA Ozanan Coelho — ARENA Padre Nobre — MDB Paulo Freire — ARENA Pedro Vidigal — ARENA Pinheiro Chagas — ARENA Renato Azeredo — MDB Simão da Cunha — MDB Sival Boaventura — ARENA Teófilo Pires — ARENA (SE) Último de Carvalho — ARENA São Paulo: Adalberto Camargo — MDB Alceu de Carvalho — MDB Aniz Badra — ARENA Antônio Feliciano — ARENA Armindo Mastrocolla — ARENA Athiê Couri — MDB Baptista Ramos — ARENA Bezerra de Melo — ARENA Broca Filho — ARENA Campos Vergal — ARENA (28 de dezembro de 1968) Cantidio Sampaio — ARENA Cardoso Alves — ARENA	Celso Amaral — ARENA Chaves Amarante — ARENA Cunha Bueno — ARENA David Lerer — MDB Dias Menezes — MDB Dorival de Abreu — MDB Emerenciano de Barros — MDB Ewaldo Pinto — MDB Francisco Amaral — MDB Franco Montoro — MDB Gastone Righi — MDB Harry Normanton — ARENA Hélio Navarro — MDB Israel Novaes — ARENA Joés Resegue — ARENA Lacorte Vitale — ARENA Lauro Cruz — ARENA (SE) Leonardo Monaco — ARENA (SE) Levi Tavares — MDB Lirtz Sabiá — MDB Marcos Kertzmann — ARENA Mário Covas — MDB Nicolau Tuma — ARENA Paulo Abreu — ARENA Pedro Marão — MDB Pereira Lopes — ARENA Plínio Salgado — ARENA Sussuno Hirata — ARENA Ulysses Guimarães — MDB Yukishige Tamura — ARENA Goiás: Anapolino de Faria — MDB Antônio Magalhães — MDB Ary Valadão — ARENA Benedito Ferreira — ARENA Celestino Filho — MDB Emival Caiado — ARENA Jales Machado — ARENA Joaquim Cordeiro — ARENA José Freire — MDB Lisboa Machado — ARENA Paulo Campos — MDB Rezende Monteiro — ARENA Wlmar Guimarães — ARENA Mato Grosso: Edyl Ferraz — ARENA Feliciano Figueiredo — MDB Garcia Neto — ARENA Marcilio Lima — ARENA Rachid Mamsé — ARENA Saldanha Derzzi — ARENA Weimar Torres — ARENA Paraná: Accioly Filho — ARENA
---	--

Agestinho Rodrigues — ARENA
 Antônio Anibelli — MDB
 Cid Rocha — ARENA
 Emílio Gomes — ARENA
 Fernando Gama — MDB
 Haroldo Leon-Peres — ARENA
 Jorge Cury — ARENA
 José Riôba — MDB
 Justino Pereira — ARENA
 Leo Neves — MDB
 Lyrio Bertolli — ARENA
 Maia Neto — ARENA
 Minoru Miyamoto — ARENA
 Renato Celidonio — MDB
 Santa Catarina:
 Adhemar Ghisi — ARENA
 Albino Zeni — ARENA
 Aroldo Carvalho — ARENA
 Carneiro Loyola — ARENA
 Doin Vieira — MDB
 Genésio Lins — ARENA
 Joaquim Ramos — ARENA
 Lenoir Vargas — ARENA
 Ligia-Doutel de Andrade — MDB
 Osmar Cunha — ARENA
 Osmar Dutra — ARENA
 Osni Regis — ARENA
 Paulo Macarini — MDB
 Romano Massignan — ARENA
 Rio Grande do Sul:
 Adylio Viana — MDB
 Alberto Hoffmann — ARENA
 Aldo Fagundes — MDB
 Amaral de Sousa — ARENA
 Antônio Bresolin — MDB
 Arlindo Kunslar — ARENA
 Arnaldo Prietto — ARENA
 Ary Alcântara — ARENA
 Brito Velho — ARENA
 Clóvis Pestana — ARENA
 Daniel Faraco — ARENA
 Euclides Triches — ARENA
 Fioriceno Paixão — MDB
 Henrique Henkin — MDB
 Jairo Brun — MDB
 José Mandelli — MDB
 Laurão Leitão — ARENA
 Mariano Beck — MDB
 Matheus Schmidt — MDB
 Nadir Rosseto — MDB
 Norberto Schmidt — ARENA
 Paulo Brossard — MDB
 Vasco Amaro — ARENA
 Victor Issler — MDB
 Zaire Nunes — MDB
 Amapá:
 Janary Nunes — ARENA
 Rondônia:
 Emanuel Pinto — ARENA (30 de novembro de 1968)
 Roraima:
 Atlas Cantanhede — ARENA

Comprêm a Mesa, à esquerda do Sr. Presidente Pedro Aleixo, o Senhor Senador Gilberto Marinho, Presidente do Senado Federal, os Senhores Senadores Cattete Pinheiro e Guido Mondin; à direita, o Sr. Deputado José Bonifácio, Presidente da Câmara dos Deputados, e os Srs. Senadores Dinarte Mariz e Aarão Steinbruch.

O SR. PRESIDENTE:

(Pedro Aleixo) — Estão reunidos conjuntamente o Senado Federal e a Câmara dos Deputados para, em sessão do Congresso Nacional, receber a visita do Sr. Eduardo Frei Montalva, Presidente da República do Chile.

S. Exa. já se encontra neste edifício, no Salão Nobre.

Designo os Srs. Líderes no Senado Federal e na Câmara dos Deputados, da Aliança Renovadora Nacinal e do Movimento Democrático Brasileiro, e o Sr. Deputado requerente das provindências para esta solenidade, para acompanhar o ilustre visitante até o Plenário.

Nestas condições, aguardaremos a presença do Sr. Presidente Eduardo Frei Montalva, para o prosseguimento da sessão. (Pausa.)

Acompanhado da Comissão, dá entrada no plenário o Sr. Presidente do Chile, que é recebido de pé, por todos os presentes, sob calorosos aplausos.

O SR. PRESIDENTE:

(Pedro Aleixo) — Conforme já devidamente noticiado, a presente sessão se realiza para, solenemente, recebermos a honrosa visita do Sr. Presidente Eduardo Frei Montalva.

Da alegria, do júbilo e da honra de que se sente possuído o Congresso Nacional dirão os oradores incumbidos dos discursos oficiais.

Dou a palavra ao Sr. Senador Ney Braga.

O SR. NEY BRAGA:

(Lê) — Exmo. Sr. Presidente da República, Exmo. Sr. Presidente da Câmara dos Deputados, Exmo. Sr. Presidente do Senado Federal, Exmos. Congressistas, demais autoridades, Senhores, Senhoras, Sr. Presidente Eduardo Frei:

Vem Vossa Excelência ao Brasil em momento grave para os povos que, como chilenos e brasileiros, amam a paz e a justiça.

Nesta época de violência, temos por vezes a impressão de estarmos próximos a uma outra noite de destruição e desgraças, semelhante àquela por que passou o mundo há cerca de 3 décadas, este ano de 1968, numa fase de espantosas conquistas científicas, tem sido marcado por tragédias capazes de pôr em dúvida o futuro da humanidade. Dois grandes líderes da causa da dignidade do homem foram abatidos pela mão da violência e do ódio. No outro extremo da terra prossegue uma guerra entre irmãos, crua e dura como todas as guerras. Em outro continente, nações envolvem-se em lutas cruéis a que não faltam os modernos recursos bélicos em que são prodígios aqueles que, antes de alimentá-las, preferem armá-las. Na Europa, os exércitos de uma grande potência, em monótona repetição, violentaram as fronteiras, a soberania e a independência de um pequeno e bravo país, pela segunda vez sacrificados às supostas realidades e aos mais baixos instintos de uma política ambígua que já nos colocou a todos sob os terrores de vinte anos de guerra fria e, a qualquer momento, poderá colocar-nos, novamente, diante dos riscos da guerra nuclear. (Palmas)

Essas brutais imposições da violência contaminam, em todo o mundo, o espírito de muitos daqueles que dedicaram a própria vida à luta contra

a injustiça, seja ela a injustiça da miséria, da opressão do forte contra o fraco ou do grande contra o pequeno. E é contra isso, Senhor Presidente Eduardo Frei, que mais se insurge a sua vocação de estadista. Nisso também é que mais se identificam chilenos e brasileiros, fazendo copi que, unidos pelo espírito, cada um em sua terra, nesta América Latina onde o progresso coexiste com o atraso, se aprroximem cada vez mais na luta pela paz e pelo desenvolvimento, afastando aquela falsa imaginede que só a violência liquidará a opressão e a injustiça.

Triste e soturno seria o nosso futuro se fosse essa a única alternativa, se a justiça dependesse apenas do fogo, se a liberdade dependesse apenas do sangue. Num mundo sem alternativas, a política de blocos e de esferas de influência, herança de um passado nada ilustrado sacrificaria as revoluções mais justas e esmagaria as liberdades mais penosamente conquistadas.

Na verdade, porém, o que nos permite ter confiança no futuro, o que nos permite ver, além dos dias nublados e tempestuosos de hoje, os dias claros e criadores do amanhã, é precisamente o fato de que essa filosofia de violência não conseguiu fechar-nos num universo sem saída. E das muitas alternativas não violentas, em que o Brasil, por suas tradições de liberdade e pelo espírito cristão de seu povo, tem procurado sempre integrar-se, uma das que neste continente mais alimentam nossa esperança, Senhor Presidente Eduardo Frei, é a da República do Chile.

Separados por uma distância que não lhes permitiu ser vizinhos, mas não os impediu de ser irmãos, chilenos e brasileiros são legatários de uma herança política inspirada na não-violência e no respeito à dignidade do ser humano.

Dedicados à preservação da paz interna, chilenos e brasileiros têm adotado, em política exterior, as mesmas linhas de defesa da paz internacional em todas as suas dimensões. Essa ação comum acentuou-se na Conferência de Nova Déli e nas negociações internacionais sobre política nuclear, quando o Chile e o Brasil uniram-se na defesa das mesmas teses. Nos trabalhos das Nações Unidas e na ação de sua diplomacia em todo o mundo, o Chile e o Brasil têm comprometido todo o peso de sua influência para conduzir os conflitos internacionais à solução por vias pacíficas. No debate sobre o futuro da economia latino-americana, Brasil e Chile dedicam-se ao fortalecimento da ALALC, como instrumento de integração do Continente.

Tudo isso, porém, seria apenas um conjunto de manifestações acadêmicas de solidariedade e de amizade, se não estivéssemos integrados num mesmo impulso de transformação social. A força da inérvia que se apóia no medo ao futuro e que em seu imobilismo estimula a deserença na qual germinam as sementes da violência, temos procurado responder, numa sociedade em movimento que transforma os repto em últimos, com uma promissora força de renovação que se apóia numa visão humanista do futuro e das imensas possibilidades da revolução tecnológica do nosso tempo. Quando lutam pela paz internacional, chilenos e brasileiros o fazem no sentido de que todos os países, grandes ou pequenos, tenham o direito de escolher seu próprio caminho e de colher os frutos de seu trabalho. Quando realçam sua vocação de paz interna, estão igualmente lutando por uma ordem social mais justa, na qual todos alcancem não apenas o direito, mas também as condições de escolher seu próprio destino.

Estas idéias não são novas. Exatamente por serem eternas, são as idéias do futuro. Há milênios os homens

as conhecem e é com elas que neste século levantam contra a opressão.

Essas idéias de todos os tempos são o mais verdadeiro conteúdo político da filosofia cristã, que é a herança cultural comum a todos os povos da América Latina. Ainda agora, o Papa Paulo VI, que saiu do Vaticano para se fazer, ele próprio, um peregrino da paz, levou-as aos campões coloniais e aliados deles, aos povos e aos Governos de todo o mundo.

Ao pregar a solução pacífica dos conflitos sociais, ao negar que a violência seja a única alternativa, deu Sua Santidade novas esperanças àqueles que sofrem em busca de justiça e aos que temem pelo futuro da liberdade.

Se esses temores nos parecem excessivos, a nós que não compreendemos que alguém se proponha ainda a alimentá-los, não esqueçamos o que foi, na Europa, a sinistra experiência do nazismo, que mostrou como a política da força cria uma dinâmica própria e tem uma fome que jamais se deixa satisfazer. Não esqueçamos também que, há mais de meio século, uma revolução derrubou um dos mais opressivos e opressores regimes feudais do velho mundo e que, renunciando à liberdade, essa revolução, cinqüenta anos depois, criou um imperialismo retrógrado, nada melhor que o imperialismo que se porpuna a destruir. (Palmas.)

Na América Latina de hoje, é falsa a impressão de que estamos entre a violência, na estagnação e a violência de um certo tipo de mudança revolucionária. No Chile a reforma agrária, a reforma educacional, um plano habitacional arrojado, a campanha de promoção social, são exemplos de como os mecanismos da democracia representativa podem transformar, pelos caminhos da lei e da liberdade, a fisionomia de um país. No Brasil, as grandes conquistas sociais dos últimos anos, como o Estatuto do Trabalhador Rural, o Estatuto da Terra, o Plano Nacional de Habitação, nasceram da colaboração efetiva entre o Governo e o povo, através do Congresso Nacional. O problema da democracia em nosso Continente, de que Brasil e Chile, respeitadas as características e as condições próprias de cada um, são exemplo eloquente, é renovar-se e não renunciar a si mesma.

E renovar a democracia é rasgar novos caminhos, caminhos que partam de um fundamento doutrinário que respeite as tradições, mas corrija os arcântimos, que ouça a voz da História, mas que perceba também a do futuro de que os jovens são a expressão mais vigorosa. A juventude, em todo o mundo, em sua ansia renovadora, que, quando não deturpada, é reflexo de idealismo, é sede de participação, deve ser, ela própria, porque o futuro é dela, arauto maior da não-violência e das soluções pacíficas. (Palmas.)

Quase dois séculos já se passaram desde que Thomas Jefferson afirmou que o melhor governo era aquele que menos governava. O conteúdo da democracia ampliou-se nestes duzentos anos, e hoje o melhor governo será sempre aquele que, com respeito à liberdade, atenda às exigências da dignidade humana e assegure melhores condições de vida ao povo.

E' essa a renovação que se tem de exigir à democracia latino-americana, uma democracia que não pode exaurir-se nos temas de sua velha fisionomia liberal, sob pena de, por omissão, condenar o Continente à alternativa da violência; uma democracia que, ao mesmo tempo, não pode fixar-se sómente em seu conteúdo econômico, sob pena de construir uma sociedade habitada por homens sem alma, sem espírito criador e sem liberdade interior, simples acessórios da matéria bem alimentada.

A nova democracia latino-americana deve contestar a visão de uma prosperidade meramente exterior. A liberdade e a justiça são fins em si mesmas, mas são igualmente um meio para que o homem realize todas as suas faculdades espirituais. A nova democracia latino-americana deve ser, portanto, uma ponte entre o futuro e um passado que não está vedado apesar das fantasmas, porque nela vivem os ideais dos homens que conquistaram a liberdade dos povos do Continente, as idéias dos homens que elevaram a um alto nível de civilização e o sacrifício daqueles que deram a vida pelas gerações seguintes.

Senhor Presidente Eduardo Frei a democracia cristã chilena é um dos passos mais originais, mais ousados, dos mais generosos no caminho do fortalecimento da democracia na América Latina. Ao saudar Vossa Excelência, em nome do Senado da República e em nome do povo brasileiro, que, por meu intermédio, estende esta saudação também a seus irmãos chilenos, não me dirijo apenas ao líder de um partido e sim ao estadista que soube conquistar o respeito de todos os povos deste Continente.

Político, estadista e escritor, Vossa Excelência combina a sensibilidade para o presente, a visão do futuro e a capacidade de comunicação. Todos nos orgulhamos do esforço de "revolução consentida" que Vossa Excelência lidera no Chile, esperando que essa experiência se possa transformar num sucesso nessa difícil, oportuna e fascinante aventura de renovar sem destruir, de transformar sem deformar.

Que Deus o guarde, Senhor Presidente Eduardo Frei, e a chilenos e brasileiros, irmãos de sangue e de ideais, conceda a graça de seguirem pelos mesmos caminhos, "amigos sem limites" que sempre foram, unidos sempre pelas mesmas esperanças, buscando ambos o desenvolvimento com liberdade, o enriquecimento sem injustiça e paz sem inérvia. (Muito bem, muito bem. Palmas prolongadas. O orador e cumprimentado).

O SR. PRESIDENTE:

(Pedro Aleixo) — Com a palavra o Sr. Deputado Franco Montoro. (Palmas prolongadas).

O SR. FRANCO MONTORO

(Sem réciso do orador) — Sr. Presidente, senhores Membros do Congresso Nacional, autoridades presentes, minhas senhoras, senhores, Presidente Eduardo Frei, mais de 30 milhões de brasileiros, ocupando uma área de 8 milhões e 500 mil km², enviaram seus representantes a esta Casa, através do sufragio universal e direto. E' este Congresso Nacional, são esses 80 milhões de brasileiros que, hoje, têm prestar sua homenagem le respeito e admiração ao Presidente que realiza, no Chile, a experiência histórica da "revolução com liberdade", ao estadista que, com inteligência e decisão, rasga novos caminhos para a imperiosa integração da América Latina, ao homem público que, por suas concepções e atitudes, está contribuindo objetivamente para abrir as perspectivas de uma convivência mundial de inspiração comunitária e democrática.

E' nessa tríplice qualidade de Presidente da República chilena, de balizador da integração latino-americana e incentivador de um mundo solidário, que os brasileiros saúdam V. Exa., Presidente Eduardo Frei Montalva. (Palmas).

E' justo que homenageemos, em primeiro lugar, o Chefe do Governo que realiza, no Chile, com sabedoria e firmeza, uma experiência histórica de renovação com liberdade. E' natural que adversários procurem ofuscar o brilho de suas realizações. E

adversários não faltam: uns, porque querem conservar seus privilégios, não aceitam a idéia de revolução ou de transformações estruturais; outros, dominados por concepções totalitárias, só consideram viável a mudança de estruturas, com esmagamento da liberdade. A experiência chilena está, assim, entre dois fogos: o dos conservadores, que não querem a revolução, e o dos totalitários, que desrespeitam a liberdade. Ambos procuram impedir que o mundo conheça, na sua integridade, o sucesso do movimento de transformações que o Chile hoje realiza.

Mas os fatos aí estão, objetivos e eloquentes, a falar aos homens sem prevenções e de coração aberto.

Qual o melhor índice para medir os resultados de uma política nacional? Existe, por acaso, dado mais significativo do que o da taxa de desenvolvimento econômico e social, medido pelo índice de crescimento do produto nacional e pela participação do povo nesse progresso?

Pois bem, nos vinte anos anteriores ao Governo de Eduardo Frei, a taxa de crescimento do produto nacional bruto aproximava-se de 3% ao ano, e, como a população aumentava num ritmo anual de 2,5%, o crescimento econômico real apresentava índice inferior a 1% ao ano, o que significava estagnação e ausência de perspectiva para o País.

A partir do Governo Frei, a situação se transformou rapidamente. O produto nacional cresceu 19% nos três primeiros anos, portanto, numa taxa anual superior a 6%. E o crescimento do produto, por habitante, foi a ordem de 4% ao ano. A economia chilena deu um salto, abrindo-se para o caminho do desenvolvimento.

E qual foi a parte da população e, especialmente, do mundo do trabalho nessa resultada?

Nos anos anteriores a 1965, a quota de participação do setor de trabalho na renda nacional foi de 47%. No Governo Frei, essa quota subiu para 52%. A inflação foi combatida com energia, e caiu de 47%, em 1964, para 38,4% 25% e 17% nos anos seguintes. Mas o peso desse combate não recaiu sóbrio a massa dos assalariados. (Palmas). Os salários e vencimentos, no setor privado e público, foram aumentados, não apenas nominalmente, mas, em dados reais, na ordem de 35%, aproximadamente. A maior elevação verificou-se no setor agrícola que era o mais sacrificado: os trabalhadores rurais tiveram sua remuneração praticamente dobrada.

Mas, no campo rural, não houve apenas elevação de salários. Uma verdadeira reforma agrária está em marcha. A modificação constitucional de estatuto da propriedade, facilitando a desapropriação das terras mal apropriadas, a promulgação, em 1967, da Lei da Reforma Agrária e a sindicalização rural, a desapropriação efetiva de mais um milhão de hectares de terras e, principalmente, a instituição de um novo tipo de organização do trabalho agrícola em comunidades rurais ou "assentamentos", dão à experiência chilena um lugar de destaque, que a FAO, como órgão internacional especializado, acaba de reconhecer, acentuando, especialmente, seus aspectos de justiça social, aumento de produção e emprêgo de melhores técnicas. (Palmas.)

O impulso e a planificação do desenvolvimento industrial, em termos nacionais, também merecem destaque. A política de "chilenação" de cobre, como primeiro produto do país, está em plena execução. A primeira refinaria nacional chilena já está em funcionamento. Com as antigas empresas existentes, o Governo passou a constituir sociedades de economia mista e assumir efetivamente suas funções de direção e controle, além de preparar quadros nacionais especializados e competentes. A produção vem sendo aumentada em ritmo que assegura sua duplicação para 1970,

quando deverá atingir 1.200.000 toneladas anuais. E foram adotadas medidas para a refinaria e as primeiras fases de industrialização do produto sejam feitas no próprio país.

De outra parte, foi criada a Petróquímica Chilena S. A. A indústria siderúrgica multiplicou sua produção. E, paralelamente, se desenvolvem, em crescimento intensivo, os setores da indústria química, do papel e celulose, de automotores e peças, do açúcar, de alimentos etc.

Mas é para o campo da educação que se voltam, principalmente, os cuidados do novo governo. O orçamento do Ministério da Educação, calculado em moeda de 1967, elevou-se de 690 milhões, em 1964, para 1 bilhão e 400 milhões, em 1968, num crescimento superior a 100%, em três anos. (Palmas). Foram construídas mais de 2.300 escolas, das quais 1.350 localizadas em zonas rurais. E efetuadas 500 mil novas matrículas entre 1965 e 1967, o que supera várias vezes qualquer aumento havido, em igual período, em tóda a história do país.

Do ponto de vista qualitativo, a educação básica passou de seis para oito anos. Construiu-se, em Santiago, um Instituto Central de Aperfeiçoamento do Magistério e outro de Capacitação Profissional.

Mas, ao lado do ensino básico e médio, técnico e profissional, o Governo enfrentou, com sensibilidade e resolução, o gravíssimo problema da reforma universitária. O ensino superior era regulado por uma lei promulgada há 40 anos, que já não atendia às necessidades do país.

Com a participação das oito Universidades existentes, inclusive dos estudantes, através da União das Federações Universitárias, foi elaborada a nova lei de ensino superior, já aprovada pelo Parlamento e sancionada pelo Presidente Eduardo Frei, em 1968. Através de um sistema de empréstimos, a serem pagos pelos estudantes depois de diplomados, procurou-se assegurar a todos os jovens, de qualquer condição social, o acesso ao ensino superior. As verbas para as universidades foram aumentadas em mais de 75% e as matrículas cresceram em proporções semelhantes.

Esses dados significativos levaram a UNESCO a conferir, ao Governo chileno, um dos primeiros prêmios mundiais pelo esforço feito no campo da educação e da cultura. (Palmas.)

O contexto político em que se desenvolve essa experiência não pode deixar de ser focalizado. É preciso lembrar o clima de rigoroso respeito aos princípios do pluralismo democrático. (Palmas). Partidos de todas as tendências presentes no Parlamento. Imprensa livre. Autonomia universitária. (Palmas). Liberdade sindical. Justiça soberana. Príncípio da lei. (Palmas.)

Estão assim abertos os caminhos para a comunicação do povo com o Governo. Comunicação que se realiza, muitas vezes, através da crítica agressiva, nem sempre justa. Mas necessária a qualquer governo que queira sentir as aspirações da opinião pública e respeitar a livre manifestação das opiniões individuais ou coletivas.

No caso chileno, a preocupação do Governo pela participação popular organizada é uma das características mais significativas. É de Eduardo Frei, já Presidente da República, o seguinte apelo: "Os séries isolados não são ouvidos. O morador de um bairro ou povoação, o pequeno produtor no campo ou na cidade, o trabalhador isolado, estão perdidos no complexo mundo de hoje. Mas, se organizados, fale por eles sua junta de vizinhos, a cooperativa ou o sindicato. E, então, eles terão voz. As preocupações, inquiitudes, aspirações e a própria vocação do povo devem ter um caminho apropriado para expressar-se, mediante organizações dirigidas pelo

"inquietações" — são palavras do Presidente Eduardo Frei.

É coerente com esse pensamento, seu Governo tem estimulado tódas as formas de organização e participação comunitária: sindicatos urbanos e rurais, cooperativas, centros de jovens, clubes de mães, associações de moradores.

No mês de julho último, em Valparaíso, o Presidente Frei assinou, perante verdadeira multidão, a lei que, após agitada tramitação pelo Congresso, institucionalizou as Juntas de Vizinhos e demais organizações comunitárias.

Ao promulgar o novo diploma, disse o Presidente: "Esta data constitui uma grande vitória para o povo do Chile. O mundo caminha para novas formas de democracia, através de uma participação mais profunda, organizada e responsável de todos os setores da população no seu próprio destino e na solução de seus problemas. Não basta, no mundo de hoje, a democracia eleitoral, que, sem dúvida, é básica; não basta que funcione o Executivo e o Parlamento, os Órgãos Municipais e o Sindicato. É hoje indispensável, para que o povo se sinta realmente parte de seu próprio país, que, entre a autoridade e o mais modesto dos homens que integram a nação, haja canais de comunicação, para que até o governante, o legislador, o juiz e as demais autoridades possa chegar ao pensamento do homem comum que está nas bases. (Palmas.)

Esse imperativo social, humano e democrático da participação da comunidade foi lembrado em recente documento oficial da ONU, nos termos seguintes: "A necessidade de os membros de um grupo, classe ou organização participarem no planejamento dos seus próprios programas é básica em qualquer tipo de projeto e confunde-se com a própria miséria democrática de viver."

A essa transformação profunda podem ser dadas múltiplas designações: democracia social, trabalhismo democrático, democracia cristã. Numa expressão feliz e compreensiva de todas essas tendências, que na realidade se aproximam, V. Ex^a preferiu a fórmula lapidária: "revolução com liberdade". (Palmas.)

A integração da América Latina

A política contemporânea apresenta uma nova dimensão que os homens públicos não podem desprezar. O panorama da economia mundial nos revela, hoje, a instituição de grandes blocos continentais com economia integrada. O exemplo mais importante é, certamente, o da Comunidade Europeia, constituída, inicialmente, pela Alemanha, França, Itália, Bélgica, Holanda e Luxemburgo. Em moldes diferentes, é também integrada, através do COMECON, a economia dos países da Europa Oriental. Da mesma forma, os Estados escandinavos da Europa do Norte organizam sua economia, procurando formas progressivas de integração.

Integrada é também a economia norte-americana e canadense.

Encontramo-nos, assim, diante de uma mobilização geral de países, que se procuram unir diante do mercado mundial para poder proporcionar melhor nível de vida a seus povos.

Dante desse quadro universal, a América Latina, apesar dos esforços realizados, é um dos poucos conjuntos que permanece dividido e fragmentado.

Em lugar de um continente

únido, ainda somos, desgracadamente, vinte nações separadas, vinte mercados dispersos, vinte fronteiras fechadas e outros tantos interesses nacionais que se apresentam, freqüentemente, como antagônicos e opositos. (Muito bem. Palmas.)

A renda média anual per capita, na América Latina, é, aproximadamente, a décima parte da dos Estados Unidos. Temos quase 90 milhões de analfabetos. Três-quartas partes da população passam fome. A expectativa de vida é de 40 anos apenas, enquanto que na Europa é de 63 anos, nos Estados Unidos, de 68, e na Noruega, de 70 anos.

A integração das nações latino-americanas é o passo necessário para o seu desenvolvimento. Se continuarem a agir isoladas e divididas, não terão possibilidade de acompanhar a marcha do século XX como nações independentes e de assegurar a seus povos, uma vida condigna. (Muito bem.)

Em termos continentais, "tal como vamos, não crescemos", afirmou o Chanceler Gabriel Valdez, que hoje também nos honra com sua visita. (Palmas.) "Sem integração — continua S. Ex^a — não existe desenvolvimento, e sem desenvolvimento não há verdadeiro poder político. Teremos que continuar dependendo das decisões externas em tecnologia, fixação de preços e outros fatores que são as armas do poder". (Palmas.)

E nenhum Chefe de Estado no Continente tem sustentado, com mais pertinácia e espírito de luta, essa bandeira da imperiosa integração latino-americana, do que o Presidente Eduardo Frei. (Muito bem. Palmas.)

Desde que assumi a Presidência da República — diz S. Ex^a em sua "Quarta Mensagem ao Congresso Nacional" — tenho procurado, incansavelmente, o entendimento dos governos da América Latina, para tornar realidade a integração do continente".

E, hoje, S. Ex^a nos dá magnífica prova dessa sua preocupação, com a sua vitoriosa presença no nosso Brasil.

E acrescenta o Presidente Frei: "O desenvolvimento econômico e social é, para nós, necessidade essencial. Mas lamentamos que essa aspiração legítima careça, hoje, de perspectivas reais, por falta às nações mais poderosas disposição para modificar critérios, que já não correspondem às necessidades dos povos em desenvolvimento. Os resultados insatisfatórios obtidos nas conversações do Gatt e na Conferência de Nova Déli geraram desconfiança e desilusão. Estamos convencidos" continua S. Exa., "de que a solidariedade dos povos em desenvolvimento é um instrumento eficaz de reivindicação. Mas esta solidariedade deve adotar formas novas e eficientes, no plano latino-americano, sem o que seria impossível dar resposta efetiva às exigências dos nossos povos".

Com esse objetivo, sua atuação tem sido incansável no sentido de aperfeiçoar e desenvolver as primeiras experiências de integração, como a ALALC, o Parlamento Latino-Americano e a instituição de organismos e programas continentais.

Nessa obra, não têm faltado dificuldades e incomprensões. Mas esclarecidos os objetivos básicos, que fundamentalmente não se podem opor aos interesses nacionais, é preciso caminhar resolutamente no sentido da integração continental, através de decisões políticas, lúcidas e corajosas.

Essa é a exigência do nosso desenvolvimento. Esse o sentido da história. Essa é a esperança de nossos povos.

COMUNIDADE MUNDIAL

Além da perspectiva chilena e continental, há outra dimensão importante na obra política de Eduardo Frei: é sua contribuição para o encontro de novos caminhos, que conduzam as nações ao estabelecimento de uma comunidade mundial solidária.

Poucos chefes de Estado podem ostentar, como ele, a nítida e corajosa

conferência de haver denunciado todas as agressões, ocupações e violências contra nações menores, levadas a efeito pela força opressora das grandes potências. (Palmas).

"Qualquer fato que afete a paz, em qualquer região do mundo, nos afeta," escreveu o Presidente, em sua última mensagem ao Congresso, depois de afirmar que "hoje, o problema maisgrave não é o da divisão entre as nações poderosas, mas as agudas tensões mundiais que existem em virtude da crescente desigualdade na distribuição da riqueza, da ciência e da tecnologia, e do poder consequente que elas conferem".

Por isso, em todas as partes do mundo, é preciso substituir a política de sujeição passiva a blocos imperialistas ou dominadores, pela luta em favor de um entendimento, fundado no respeito aos direitos de cada parte e na convicção de que o desenvolvimento é o novo nome da paz.

Essa linha de coerência no plano nacional, continental e mundial não é obra do acaso ou do oportunismo. Ela se explica pelo fato de estarmos em presença de um homem que se engajou na vida pública, fundado em princípios, inspirado num pensamento social e numa doutrina política.

As fontes históricas dessa doutrina, no mundo moderno, nós podemos encontrar nas múltiplas manifestações do humanismo social de inspiração cristã. Em Frederico Ozanam, que, em 1840, lançava, a partir da Universidade de Paris, e em estreito contacto com a família trabalhadora da região, o movimento social e político, que ele denominou Democracia Cristã, e sob cuja legenda o próprio Ozanam concorreu a eleições parlamentares. Na Alemanha, Bélgica, Itália, Inglaterra e Holanda multiplicaram-se, ao mesmo tempo, movimentos e iniciativas de igual orientação, preparando a série impressionante das encyclopedias sociais *Rerum Novarum* (1891), *Quadragesimo Anno* (1931), *Mater et Magistra* (1961), *Pacem in Terris* (1962) e *Populorum Progressio* (1964).

E esse mesmo pensamento que está presente na obra notável do Movimento de Economia Humana, fundado pelo saudoso Lebret e nos ensaios filosóficos da política humanista de Jacques Mauritan.

Com natural diversificação, é fundamentalmente o mesmo pensamento que, no campo da ação política, inscreve a atuação de De Gaspari, Schumano que representa, atualmente, ao Cornejo Chaves e tantos outros que lancaram a partir do apôs-guerra, em todos os continentes, o movimento político da democracia cristã. Movimento que representa, atualmente, ao lado de outros de inspiração popular, democrática e humanista, um dos caminhos que a humanidade procura para superar, através de fórmulas comunitárias, as experiências fracassadas do individualismo egoísta e do estatismo totalitário.

E essa bandeira de esperança que V. Exa. acena hoje para o mundo, a mostrar aos que procuram, aos que sofrem, aos que se afligem, aos desesperados, que ainda há caminhos que podem ser percorridos, que ainda existem lutas que merecem ser travadas.

Permita, Presidente e amigo Eduardo Frei, que eu finalize minhas palavras evocando nosso encontro, há 20 anos, em Montevidéu.

Ao lado de Alceu Amoroso Lima e Sobral Pinto, eu integrava o grupo de brasileiros presentes no primeiro encontro de democratas-cristãos, reunidos no Uruguai, por iniciativa do saudoso Dardo Regules.

Ouvimos, então, em vibrante discurso de V. Exa., após referência às injustiças, misérias e opressões que

marcam a sociedade moderna, as seguintes palavras que ainda nos parecem presentes: "Precisamos ter a coragem de levar a suas últimas consequências a mensagem cristã da fraternidade humana. Ningém tem o direito de ficar de braços cruzados". (Palmas).

Hoje, ao receber a honrosa incumbência de saudá-lo, em nome do Congresso brasileiro, posso seguramente declarar que a imagem que o Brasil faz de V. Exa. é exatamente essa: a de um homem que, rompendo com a indiferença egoística dos braços cruzados, e recusando o gesto de ódio dos punhos fechados, apresenta-se para a América e para o mundo como o homem de braços abertos, a lembrar a todos os responsáveis que é preciso levar as suas últimas consequências a mensagem revolucionária da Fraternidade humana. (Muito bem. Muito bem. Palmas prolongadas. O orador é cumprimentado).

O SR. PRESIDENTE:

(Pedro Aleixo) — Com a palavra o Sr. Presidente Eduardo Frei. (Palmas prolongadas).

SR. PRESIDENTE EDUARDO FREI:

Senhor Presidente:

Senhores representantes do povo do Brasil:

Nesta sessão solene do Congresso Nacional, quero entregar ao povo brasileiro, através de seus representantes a saudação fraterna e a invariável solidariedade do povo e da nação chilena.

Este ato, acima das pessoas, é um símbolo da história de duas comunidades humanas com iguais propósitos de paz reciproca, continental e mundial, unidas em suas gerações passadas e presentes.

Mas aqui, no meio de vós, esse significado moral adquire, nas relações entre estas duas nações, uma realidade e uma dimensão concretas. Porque nós chilenos reconhecemos no Brasil os sinais e o valor de uma grande aventura do homem, de um novo poder que surge no mundo.

Na imensidão de seu território, o enriquecimento só em parte conhecidas e exploradas, um povo sempre mais numeroso vive a aventura de construir uma nova civilização. Não obstante as vastas proporções alcançadas, esta obra ainda está em seu começo. Entre as grandes empresas que a humanidade vem realizando sobre a face da terra, em nossa época, poucas têm a magnitude e ao mesmo tempo o poderoso dinamismo da construção do Brasil pelo povo brasileiro.

E a marcha de muitas gerações, de nobres exemplos históricos e de uma integração racial que a todos, justamente, nos orgulha. Nela se destacam elementos vigorosos de uma grande cultura, no sentido do pensamento mais elevado e igualmente no sentido formoso da alegria popular, que, por sua mensagem de cordialidade humana, deu novas formas à alegria de todos os povos do mundo. E também a marcha de muitas gerações vindouras cujas tarefas futuras exigem uma visão social, tecnológica e política do destino deste grande povo.

Tudo isto nos mostra o Brasil resolutamente colocado no nível das responsabilidades internacionais diretas com uma amplitude mundial.

Aqui em Brasília — onde a vitalidade da agricultura e dos centros industriais comete seu avanço sobre a imensa Amazônia — vemos uma afirmação do espírito do homem, onde o vosso gênio criador responde em beleza e magnitude à própria criação que nos rodeia com uma presença de dimensões colossais; aqui vemos também uma realidade transcendente,

fronte à qual somos solidários, porque ela nos coloca desafios comuns e que encerra a chave de um mesmo destino.

Estamos em uma grande capital de nosso próprio futuro, do futuro de nossa América, de tão profunda raiz cristã, em terras de nossa América, com homens que conhecem o gênio, a angústia e a esperança da nossa América.

A humanidade latino-americana e o próprio amor e sentido de grandeza que nos inspira esta grande comunidade de povos e cada uma das Pátrias que a formam, nos impõem a consciência dos valores essenciais e dos dramáticos problemas que nos unem.

Todas as nossas nações latino-americanas, grandes ou pequenas, mais ou menos desenvolvidas, guardam em seu seio tradições e grandezas, realizações e glórias humanas que inspiram a mente e o coração e que os sentimentos exaltam, com justiça, como um sagrado depósito. Mas todas sofrem também angústias crescentes, tensões cada vez mais graves, contradições que criam o clamor de dramáticas urgências, principalmente nos vastos setores da pobreza, da juventude e da intelectualidade.

Nunca mundo comovido, sem exceções e de maneira até agora desconhecida, pela voragem de uma crise da civilização universal, os povos e os governos da América Latina enfrentam uma grande responsabilidade, um desafio tão grave como o da própria Independência, porque nêle se joga seu êxito e seu fracasso. A grande interrogação é esta: seremos uma região humana enferma e desintegrada, ou construiremos, para nós e para a humanidade, uma nova ordem de progresso, uma sociedade de amplos caminhos abertos para a justiça, a liberdade e a paz? (Palmas).

Desde o princípio, o amor à liberdade nos uniu. Antes e mais profundamente do que uma idéia, esse amor foi uma realidade existencial de homens chamados a criar um novo mundo em um novo âmbito da natureza e da história. Não se pode limitar todo seu sentido na expressão ideológica nem na normatividade das leis. A América Latina busca esta afirmação na própria realidade, além das fórmulas, na plenitude da vida das pessoas e na plenitude da soberania dos povos.

Estamos unidos pelas ameaçadoras contradições em que se realiza nosso progresso, sob o impacto acelerado do mundo que nos rodeia e que, de fato, nos arrasta como uma força arrasadora.

Nossas grandes cidades se levantam e crescem na contradição que separa seus setores centrais, e seus bairros modernos, das populações marginais.

O dinamismo e a promessa de oportunidades de nossos grande setores industriais contrastam com a vida obscura e sem expectativas das cidades menores, das aldeias e dos setores rurais.

O nível de vida das minorias favorecidas pela oportunidade social e pela melhor educação separa-se progressivamente do nível da grande massa dos povos.

Como disse vossa Mário de Andrade, "juntos formamos este assombro de misérias e grandezas".

O que nos une — disso estou profundamente convencido — é a simplicidade das aspirações de nossos povos. Estas cresceram, por certo, com o progresso tecnológico que cria novos bens para todos os homens. Mas continuam modestas: são o trabalho seguro, em condições dignas, que abra realmente o acesso à alimentação adequada, à saúde, previdência social, à moradia decente e sobretudo à educação dos filhos, signo essencial das expectativas de progresso. (Palmas).

E a insatisfação dessas aspirações — verdadeiras exigências mínimas da liberdade em nosso tempo — que cria a consciência de miséria injusta e de infelicidade de nossa organização social frente ao brilho de um crescimento econômico desequilibrado e insuficiente. (Palmas).

Estamos unidos em virtude de uma situação comum frente ao mundo. Uma situação que é talvez nossa mais grave ameaça.

Nenhum orgulho ou ilusão, nenhum sentimento de euforia patriótica, tradicional ou cultural, pode ocultar-nos o fato mais transcendente de nossa história atual: formamos parte dos dois terços dos homens do mundo que estão retrocedendo, todos os dias, frente às alternativas do desenvolvimento moderno. Diante do formidável dinamismo centrípeto da minoria humana de alto desenvolvimento e da alta aceleração científico-técnica e industrial, todo o processo de nossa vida cultural, política, social e econômica, e ainda o próprio esforço para nosso desenvolvimento é arrastado a um dinamismo centrifugo e desintegrador. A energia vital da América Latina e seu próprio ser coletivo são levados a disperdir-se em estruturas mundiais que restringem seu poder.

Todos estes fatos estão presentes na consciência ou na intuição vital de nossa juventude, que são decisivos no continente. A esta juventude, que constitui a substância mesma da energia de nossa América Latina, devemos abrir um amplo canal de expressão para o futuro, superando todas as dificuldades e contradições do presente. Devemos propiciar-lhes o acesso a um centro próprio e autêntico da existência histórica, da cultura, da integração e do desenvolvimento. (Palmas).

Desde o nascimento de nossa independência, afirmamos que a democracia constitui esse canal e este centro, por que o instituto vital de nossas nações não admite outra expressão para sua convivência cívica.

Várias gerações de latino-americanos lutaram visando a realizar a democracia em todos os nossos países. Entretanto, com demasia frequência, ela expressou apenas, por um mimetismo cultural, o valor de uma fórmula adjetiva, de um instrumento político e jurídico como se bastasse sua promulgação ritual para derramar sobre os povos todos as potencialidades da liberdade, da justiça e da solidariedade.

Uma experiência já mais que secular nos ensina que o ideal democrático não pode se limitar a uma fórmula superposta, a uma realidade de contradições e insuficiências. Esse ideal não pode se converter em um formalismo progressivamente estéril. Sua única alternativa de realização consiste em se alicerçar na vida real e concreta de nossas comunidades, a partir de seus fundamentos mais profundos, como uma expressão efetiva e exigente de solidariedade.

Por isso, o ideal democrático deve estar presente em todos os planos: no da moralidade, no da cultura, da legislação, da tributação, da educação, da vida social e da organização econômica.

Dante da realidade da miséria em vastos setores, a justiça se apresenta como uma condição imprescindível, como a porta de acesso, tanto no sentido moral como no material, para a integração dos povos na vida social.

A ordem jurídica e as instituições políticas já não são aceitas em toda sua extensão e profundidade se não se constituem no instrumento eficaz de um grande movimento de justiça e solidariedade que hoje tem um nome: desenvolvimento econômico e social.

Por esse motivo, a revisão das formas atuais e a transformação das instituições constituem imperativos geralmente reconhecidos. Novos conceitos e

novos ordenamentos buscam responder às exigências de eficácia na administração, à existência de novas organizações nas relações humanas e de uma autêntica representação popular.

Este onipresente movimento das aspirações e dos anseios de transformação configura a fisionomia humana da América Latina e nos põe diante do desafio de compreender e orientar a vida de nossos povos, em meio à grande crise das modificações que se encontram em gestão por toda parte e em todos os aspectos de nossa realidade. Tarefa de imensa dificuldade e de riscos verdadeiramente históricos, mas tarefa que não pode ser aliviada.

Podemos afirmar que, no período posterior à Segunda Guerra Mundial, a América Latina, em seu conjunto, adquiriu uma consciência mais lúcida de si mesma, de seus problemas e expectativas e de sua situação no mundo. O diagnóstico de nossa realidade econômica e social, principalmente, tornou-se mais sistemático, objetivo e penetrante. A reflexão e o julgamento a respeito das manifestações e das causas de nossas contradições e deficiências adquiriram novos elementos de validade, o que permite projetar grandes esquemas de solução.

Ninguém pode deixar de reconhecer que tudo isto significa um avanço decisivo e uma grande conquista para nossa cultura e para nossa capacidade de ação.

Este processo de lucidez e de julgamento objetivo tem um valor transcendente, porque se realiza primeiramente nas consciências, que é onde comecam as verdadeiras transformações. Mas a prova de seu valor real não se joga no plano dos diagnósticos. Joga-se no plano da ação real, em que as mesmas deficiências e contradições diagnosticadas opõem, por mil formas, sua inércia e sua resistência.

O reconhecimento destas realidades objetivas — condição essencial para eficácia na ação — não é uma excusa para não responder às urgências apressuradas de nossos povos.

Muitos são hoje conduzidos ao rádio presunçosas destas realidades movidas por uma espécie de fé em diversas estratégias mundiais de poder revolucionário ou de embriaguez ideológica que tende a ultrapassar os limites da emoção e do sentimento humano.

E' evidente que, quando direitos essenciais são vulnerados de forma grave e sistemática, não se pode negar aos cidadãos e às comunidades o direito de buscarem os caminhos e meios que restabeleçam sua plena vigência. Isso foi o que ocorreu em nossa própria Independência.

Mas isso não deve confundir-se com a grave ameaça que hoje projetam contra a mesma possibilidade de uma ação transformadora, na paz e na liberdade aquêles que se negam a respeitar as normas jurídicas mais elementares e pregam, frente à realidade social, a violência moral e física como único meio de reduzir e suprimir os obstáculos que dificultam e impedem o caminho. São pessoas que atribuem a si mesmas a monstruosa faculdade de julgar e marcar os que devem ser condenados e destruídos, e chegam ao ponto de se organizarem para a consumação de seus propósitos sob a proteção das garantias democráticas, que não respeitam. Trata-se de falsos profetas da justiça e da liberdade, mas profetas verdadeiros de tudo quanto contribui para nossa desintegração e fracasso histórico.

Diantre deles, levantam-se os que se negam a ver a realidade e que, para justificar tal cegueira, tudo põem em dúvida: o avanço objetivo dos conhecimentos econômicos e sociológicos, o valor humano transcendental da tecnologia, a profundidade e amplidão do processo histórico mundial e tam-

bém a capacidade do espírito, do pensamento e da ação dos povos para se organizarem e para criarem novas formas de vida em paz e em liberdade.

Uma atitude generalizada de temor e de resistência ao progresso inevitável da história pretende organizar-se igualmente em muitos, como uma filosofia que se dispõe, culposamente, a justificar a injustiça, a miséria e a desigualdade, como se fosse o prego, se não legítimo, pelo menos político e históricamente aceitável da ordem e do progresso nacional e internacional. Este é também outro extremo da violência ideológica e moral, que degenera facilmente em violência física.

E um dos aspectos mais trágicos de nossa história presente consiste em que ambos os extremos se alimentam e se justificam reciprocamente. A violência moral e física exercida pelos que vêm nela o único caminho da transformação responde a violência dos que nela vêm o único caminho da resistência e da defesa.

E' um processo de polarização geral dirigida a posição antagônicas do qual não se pode esperar outra coisa senão o transtorno paralisante e destrutivo e um progressiva subordinação da vida da América Latina a orientações e sistemas de poder estranhos à sua verdadeira essência.

A grande tarefa desta hora é a superação desse processo.

Quando nossos povos realizaram a Independência, não a fizeram sómente como um ato de rebeldia contra uma ordem que já havia perdido sua vigência. Muito acima disso, criaram, em grandes unidades nacionais, um novo espírito e uma nova ordem para a América. Foi isso que deu força a nossos países, frente ao mundo. Não a simples rebeldia de uma gesta, nem tampouco a adesão cega a filosofias estanhas. Foram sociedades inteiras, em todos os seus setores, que se integraram no ideal da liberdade. Por isso realizaram uma criação permanente e dinâmica, e deram vigência mundial à soberania das nações latino-americanas.

Essa foi o momento das integrações políticas de nossas nacionalidades, da definição geral da personalidade de cada um de nossos povos.

Como poderíamos negar hoje a grande verdade de nossa fé americana no homem, qualquer que seja sua posição na sociedade?

Se uma concepção suficientemente generosa e positiva for proposta e adotada por nossos povos, ela dominará nossa história futura.

A característica mais positiva do latino-americano é sua constante busca da implantação pacífica, em todos os rincões de sua terra e em todas as atividades, de uma forma de vida verdadeiramente humana e familiar de um profundo sentido de comunidade na modesta e efetiva realização de cada dia.

Por isso, a consciência dos governantes e dos legisladores, deve compreender o imperativo urgente de uma ação rápida, completa e eficaz. Os diagnósticos em grande parte, estão feitos e são conhecidos. As soluções em suas linhas gerais, são claramente perceptíveis. Sómente uma ação resoluta, audaciosa e imaginativa pode abrindo a alma da América Latina, hoje mais do que nunca ameaçada e combatida pelos extremismos.

A publicidade desmedida das perturbações e dos transtornos provocados por exigüas minorias mantém abruptamente a silenciosa a intensa maioria de nossos povos que têm profundo sentido humano e um grande amor à liberdade, e que repudiam os extremismos de uma ou outra cor.

Mas não nos enganemos. Essa imensa maioria que quer paz e liberdade profunda, necessita expressar-se, e isto exige uma fidelidade inquebran-

tável às exigências da justiça, às necessidades sagradas da grande multidão dos pobres e uma reforma básica de nossas estruturas e instituições. Se isso não ocorrer essa imensa maioria será vítima, mais que os extremismos, de nossa incapacidade de conduzi-la. (Palmas).

E esta ação deve ser tempestiva. E o tempo real quem não lo mede é o homem, sua consciência, sua esperança e muitas vezes também seu desespero. Por isso, nós — os que queremos construir um caminho criador e humano para nossa América Latina — devemos mostrar, não só boas intenções e grandes palavras, mas eficiência na ação, para responder às justas inquietações das grandes maiorias. O mandato é atuar com integridade e atuar a tempo.

Esta é a nossa única alternativa verdadeira. A única maneira para que a democracia não constitua um engano e uma frustração. Se não fômos capazes de realizar esta ação, será inútil que nos refugarmos atrás das palavras para encobrir a incapacidade de dar soluções reais e urgentes aos problemas de nossos povos.

Esta urgência — permiti que vos diga — é, na consciência dos chilenos motivo central que torna necessário um grande consenso moral latino-americano, antes mesmo e muito mais profundamente do que os trabalhosos mecanismos de integração comercial e industrial que estamos elaborando.

Não posso como presidente do Chile, como representante de meu povo, escusar-me de apresentar diante de vós o testemunho de minha nação e de entregar-vos um chamado de nosso espírito.

Creamos em nosso país, que a reforma das instituições e estruturas da sociedade, da economia e da política é uma necessidade imperativa para a autêntica expressão da vitalidade e da força de nosso povo. Acreditamos nisso, a partir de diversos ângulos ou matizes de visão. Isso é parte de nossa cultura atual, de nossa angústia e de nossa mensagem americana e internacional.

A comunidade chilena está vitalmente engajada neste desafio. Tem que superar seus próprios extremismos e tem que conquistar e construir sua própria paz. Ela o fará, por seus caminhos peculiares, que não pretendem ser um exemplo nem um ensinamento para outros povos, cujos canais de expressão somos os primeiros a respeitar e cuja diversidade é a de um continente.

Nesse espírito, amplamente presidido por nossas tradições de direito, definimos as urgências de nossa ação como uma Revolução em Liberdade.

Em nossa tarefa encontramos sem dúvida, grandes dificuldades. Em nossa tarefa, certamente cometemos erros. Porem conseguimos fundamentalmente atingir as metas que nos havíamos proposto nos campos de Educação, da Saúde, da ordem sindical do movimento cooperativista da Produção Popular, da Reforma Agrária, da Habitação, do regime tributário, da administração financeira e do desenvolvimento econômico. Demos passos decisivos para nossa independência econômica. Na concepção e nos métodos de nossas reformas, seguimos nossas próprias idéias e nossas próprias criações. Em nossa ação, tudo quanto foi realizado é o fundamento para se empreenderem novas etapas igualmente construtivas e dinâmicas que configuram uma autêntica democracia e uma verdadeira solidariedade nacional e popular.

Eis por que não poderíamos ocultar nossa fé e esperança na integração e na comunidade latino-americana de nações, cuja realidade forma parte de nossa nacionalidade e de nosso destino. As tarefas internas para que cada país possa alcançar sua plena inte-

gração nacional são enormes mas não são antagônicas nem podem obscurecer a necessidade real de uma solidariedade latino-americana. Sem está, jamais poderemos sentar-nos à mesa do poder mundial para fazer valer nossa própria e limpida vontade na conquista de uma convivência real, efetiva e verdadeiramente universal entre os povos, em que sejam respeitados nossos legítimos direitos.

Tudo no mundo está ocorrendo nessa direção.

Somos parte das Américas. Reconhecemos e respeitamos a vigência do sistema interamericano. Mas cremos também que a associação destas Américas não poderá jamais construir uma autêntica capacidade de cooperação no ressentimento, nem tampouco poderá construir-la no desequilíbrio. Para que esta associação livre alcance sua verdadeira dimensão, a América Latina deve ter plena consciência de sua fisionomia histórica e pleno respeito a sua realidade social e cultural. Para isto, a união é indispensável. Para poder defender, nesta hora do mundo, a soberania e integridade de nossas Pátrias, como os sagrados princípios do acatamento aos direitos humanos e da livre determinação dos povos, que nestes mesmos dias vemos menosprezados, é necessário que nossa voz — que não busca predominio mas que exige igualdade de trato, justiça e respeito na vida da comunidade mundial — não seja uma voz isolada.

Essa, a condição de nossa verdadeira independência.

Não podemos continuar sendo os imitadores ou importadores de fórmulas que não correspondem à nossa própria maneira de ser.

Com demasiada frequência surgem, entre nós, queixas pela falta ou pela insuficiência de uma ajuda real a nosso próprio desenvolvimento, pelo desequilíbrio nos termos de intercâmbio e tratados de comércio internacional. De pouco valem as lamentações, (palmas) frente ao poder ou riqueza dos outros. Elas são, muitas vezes, somente a expressão de uma debilidade que facilita os abusos e que denuncia uma falta de consciência real de nossa força e de nossas perspectivas como conjunto de povos. A solução de nossos problemas não virá por mãos de outros. Só na medida em que tenhamos consciência de nossa própria realidade, em um mundo que nos pertence, seremos fator de poder e de decisão na América e no mundo,

Por tudo isto é que daqui — do seio deste grande nação de nossa América, do Congresso do Brasil, de uma tribuna tão elevada — considerei de meu dever e responsabilidade, como governante chileno, não somente trazer-vos a expressão de nossa profunda amizade, mas entregar também nossa mensagem de vontade e esperança, um chamado ao Brasil, com sua imensa extensão geográfica e humana, e a toda a nossa América — porque esta tribuna é para se dirigir à América para esta grande obra histórica comum que permite a 250 milhões de seres humanos abrirem, com a crescente ampliação de seu número e de sua consciência, as portas do futuro.

Sr. Presidente, eu não conhecia as palavras com que me iam saudar dois ilustres representantes do Senado e da Câmara dos Deputados. Mas os Srs. Senadores e Deputados que escutaram sentiram a coincidência profunda que há na nossa filosofia essencial, que se deve mais à nossa unidade do que as palavras que pronunciamos.

O Sr. Senador Ney Braga disse que vivemos num mundo ameaçador como nunca, e, creio, teríamos de ser céticos e surdos para não vê-lo e não entendê-lo. Como poderemos defender as nossas soberanias? Como poderemos

defender a livre determinação dos povos?

Como podermos defender nossos direitos na comunidade mundial?

E' nesta hora emocionante em que vivemos ofuscados — povos pequenos sim — que eu digo: respeitem os direitos de Compromissos e Tratados!

Que outro destino temos para o nosso próprio futuro, para a nossa própria dignidade como Continente, para a criação de nossas próprias fórmulas e de nossas expressões senão unir-nos?

Senti que eram certas as palavras do Sr. Senador Ney Braga, que a geografia não nos permite ser vizinhos, porém não nos tem impedido de sermos irmãos. (*Palmas prolongadas*).

Desde o primeiro instante tive esta sensação.

Se há muito tempo temos sido amigos é porque há algo mais profundo nesta comunidade: há uma simpatia, uma cordialidade, que nasce de nossas condições humanas.

Por que estarmos separados? Por que ficamos sómente no plano retórico? Por que continuam escutando homens como Franco Montoro, que há vinte anos falam de integração? Por que continuar — Parlamento, Governo e Universidades — falando? Para que o mundo tenha a sensação de que nós, os latino-americanos, somos bons para dizer as coisas, mas infelizes para realizá-las?

Os brasileiros estão aqui. Estão levantando esta cidade, que é, no mundo moderno, o símbolo mais extraordinário da imaginação criadora.

Os brasileiros, que têm um grande destino, não podem repetir os erros de outros grandes povos.

Sintamos esta obrigação e esta responsabilidade. Unam-se os povos da América Latina nessa sua tarefa! Sua palavra é muito importante.

Construamos neste mundo turbulento uma casa da liberdade e de paz. (*Muito bem. Palmas prolongadas*), em que não se repitam, monotonamente, os erros tão dolorosos para a humanidade inteira.

Que enorme tarefa temos pela frente. Por que não empreendê-la?

Os tratados jurídicos estão firmados, somos irmãos e as técnicas são tão conhecidas. Falta só a decisão política.

Por que não dar este passo?

Eu espero que esta visita não seja apenas protocolar, porque entre nós o protocolo não se justifica.

Tenho a esperança de que essa visita, de um homem modesto de um País que trabalha com esforço tenaz e infatigável, contribua para abrir essa consciência. Por que o mundo sempre nos há de dar e nos há de descobrir? Por que nós que temos terras e montanhas, grandezas com que Deus nos agraciou, não podemos pairar sobre pequenas divisões e querelas políticas internas e externas, para construir a mensagem de que o mundo necessita? E' a mensagem de um continente jovem, que não está dividido nem por profundos ódios, nem por questões raciais, nem por lutas religiosas; que tem todos os elementos que Deus lhe deu, a fim de que o homem os transforme numa grande esperança para a humanidade. Muito grato, Senhores. (*Muito bem; muito bem. Palmas prolongadas*).

O SR. PRESIDENTE:

(Pedro Aleixo) — Tenho a subida honra de agradecer ao Sr. Presidente Líder político, o Chefe de Estado, o Eduardo Frei, que já sabíamos ser o Chefe de Governo, o admirável líder do Direito e o sociólogo, essa esplêndida página, na qual compreendemos que palpita a fé em que a democracia não será um engano, nem será uma frustração.

Os agradecimentos do Congresso Nacional brasileiro são especialmente dirigidos a quem nos deu aqui uma admirável, uma esplêndida lição e, so-

bretudo, uma palavra decisiva de fé e de esperança.

Com este agradecimento, convido a Comissão incumbida de trazer a este recinto o Sr. Presidente Eduardo Frei Montalva a acompanhá-lo até o salão de receções, onde S. Exa. terá oportunidade de receber os cumprimentos dos congressistas brasileiros. (*Palmas*) Declaro encerrada a sessão.

ATA DA 67ª SESSÃO CONJUNTA, EM 5 DE SETEMBRO DE 1968.

2ª Sessão Legislativa Ordinária, da 6ª Legislatura PRESIDÊNCIA DO SR. AARÃO STEINBRUCH.

As 20 horas e 30 minutos acham-se presentes os Senhores Senadores:

Adalberto Sena
Flávio Brito
Edmundo Levi
Milton Trindade
Cattete Pinheiro
Lobão da Silveira
Clodomir Milet
Sebastião Archer
Víctorino Freire
Petrônio Portela
Siegfredo Pacheco
Menezes Pimentel
Duarte Filho
Dinarte Mariz
Argemiro de Figueiredo
Pessoa de Queiroz
Júlio Leite
Aloysio de Carvalho
Antônio Balbino
Josaphat Marinho
Carlos Lindemberg
Paulo Torres
Aarão Steinbruch
Vasconcelos Tôrres
Aurélio Vianna
Gilberto Marinho
Nogueira da Gama
Carvalho Pinto
Lino de Mattos
João Abrahão
Armando Storni
Pedro Ludovico
Fernando Corrêa
Ney Braga
Adolpho Franco
Mello Braga
Celso Ramos
Antônio Carlos
Atílio Fontana
Guido Mondin
Daniel Krieger

E OS SRS. DEPUTADOS:

Acre:
Geraldo Mesquita — ARENA
Maria Lúcia Araújo — MDB
Mário Maia — MDB
Nossa Almeida — ARENA
Ruy Lino — MDB
Wanderley Dantas — ARENA

Amazonas:

Abrahão Sabbá — ARENA
Bernardo Cabral — MDB
Carvalho Leal — ARENA (28.2.68)
José Lindoso — ARENA
Raimundo Parente — ARENA
Wilson Calmon — ARENA (1.11.68)

Pará:

Armando Corrêa — ARENA
Gabriel Hermes — ARENA
Gilberto Azevedo — ARENA
Haroldo Velloso — ARENA
Hélio Gueiros — MDB
Mcnenegro Duarte — ARENA

Maranhão:

Afonso Matos — ARENA (18.9.68)
Alexandre Costa — ARENA
Américo de Souza — ARENA
Cid Carvalho — MDB
Henrique de La Rocque — ARENA
José Burnet — MDB
José Marão Filho — ARENA
Nunes Freire — ARENA
Pires Saboia — ARENA
Temístocles Teixeira — ARENA
Vieira da Silva — ARENA

Piauí:

Chagas Rodrigues — MDB
Ezequias Costa — ARENA
Fausto Castelo Branco — ARENA
Joaquim Parente — ARENA
Milton Brandão — ARENA
Paulo Ferraz — ARENA
Sousa Santos — ARENA

Ceará:

Delmiro Oliveira — ARENA
Edilson Melo Távora — ARENA
Ernesto Valente — ARENA
Figueiredo Corrêa — MDB
Furtado Leite — ARENA
Hildebrando Guimarães — ARENA (17.1.69)
Jonas Carlos — ARENA
Leão Sampaio — ARENA
Manuel Rodrigues — ARENA
Martins Rodrigues — MDB
Wilson Roiz — ARENA

Rio Grande do Norte:

Agenor Maria — ARENA (23.1.69)
Alvaro Motta — ARENA (23.1.69)
Erivan França — ARENA (17.1.69)
Grimaldi Ribeiro — ARENA
Theodorico Bezerra — ARENA

Paraíba:

Bivar Olinto — MDB
Ernani Satyro — ARENA
Humberto Lucena — MDB
Janduhy Carneiro — MDB
João Fernandes — MDB (27.10.68)
Monsenhor Vieira — ARENA
Osmar de Aquino — MDB (29.12.68)
Pedro Gondim — ARENA
Plínio Lemos — ARENA (1.1.69)
Wilson Braga — ARENA

Pernambuco:

Aderbal Jurema — ARENA
Alde Sampaio — ARENA

Andrade Lima Filho — MDB (31 de outubro de 1968)

Antônio Neves — MDB
Aurino Valois — ARENA
Cid Sampaio — ARENA
Geraldo Guedes — ARENA
João Roma — ARENA
José Carlos Gerra — ARENA
Josias Leite — ARENA
Milvernes Lima — ARENA
Paulo Maciel — ARENA
Petronílio Santa Cruz — MDB (7 de setembro de 1968)
Souto Maior — ARENA
Tabosa de Almeida — ARENA

Alagoas:

Aloysio Nonô — ARENA
Djalma Falcão — MDB
Luiz Cavalcante — ARENA
Medeiros Neto — ARENA
Oséas Cardoso — ARENA
Pereira Lúcio — ARENA
Segismundo Andrade — ARENA

Sergipe:

Arnaldo Garcez — ARENA
José Onias — ARENA (15.11.68)
Luis Garcia — ARENA
Machado Rolemberg — ARENA
Passos Pôrto — ARENA
Raimundo Diniz — ARENA

Bahia:

Alves Macado — ARENA
Clóculo Costa — ARENA
Edgard Pereira — MDB
Edvaldo Flôres — ARENA
Fernando Magalhães — ARENA
João Alves — ARENA
João Borges — MDB
Josaphat Azevedo — ARENA (SE)
José Penedo — ARENA
Luís Athayde — ARENA
Luiz Braga — ARENA
Mário Piva — MDB
Ney Ferreira — MDB
Nonato Marques — ARENA (SE)

Odulfo Domingues — ARENA
Oscar Cardoso — ARENA
Raimundo Brito — ARENA
Rubem Nogueira — ARENA
Ruy Santos — ARENA
Theódulo de Albuquerque — ARENA
Vasco Filho — ARENA
Wilson Falcão — ARENA

Espírito Santo:

Argilano Dario — MDB (26.12.68)
Feu Rosa — ARENA
João Calmon — ARENA
Mário Gurgel — MDB
Oswaldo Zanello — ARENA
Parente Frota — ARENA
Raymundo de Andrade — ARENA

Rio de Janeiro:

Adolpho de Oliveira — MDB
Affonso Celso — MDB

Altair Lima — MDB
 Daso Coimbra — ARENA
 Dayl de Almeida — ARENA
 Getúlio Moura — MDB
 José Saly — ARENA
 Júlia Steinbruch — MDB
 Mário de Abreu — ARENA
 Mário Tamborindeguy — ARENA
 Miguel Couto — ARENA (SE)
 Paulo Biar — ARENA
 Pereira Pinto — MDB (22.2.69)
 Raymundo Padilha — ARENA
 Sadi Bogado — MDP

Guanabara:

Arnaldo Nogueira — ARENA (UNESCO)

Breno Silveira — MDB
 Cardoso de Menezes — ARENA
 Erasmo Martins-Pedro — MDB
 Hermano Alves — MDB
 Jamil Amiden — MDB
 Márcio Moreira Alves — MDB
 Mendes de Moraes — ARENA
 Nelson Carneiro — MDB
 Pedro Faria — MDB
 Raul Brunini — MDB
 Reinaldo Sant'Anna — MDB
 Rubem Medina — MDB
 Waldyr Simões — MDB

Minas Gerais:

Aécio Cunha — ARENA
 Aureliano Chaves — ARENA
 Bento Gonçalves — ARENA
 Celso Passos — MDB
 Dnar Mendes — ARENA
 Edgard-Martins Pereira — ARENA
 Elias Carmo — ARENA
 Francelino Pereira — ARENA
 Geraldo Freire — ARENA
 Gilberto Almeida — ARENA
 Guilherme Machado — ARENA
 Guilhermino de Oliveira — ARENA
 Gustavo Capanema — ARENA
 Hélio Garcia — ARENA
 Hugo Aguiar — ARENA
 Israel Pinheiro Filho — ARENA
 José Bonifácio — ARENA
 José-Maria Magalhães — MDB
 Luís de Paula — ARENA
 Manoel de Almeida — ARENA
 Manoel Taveira — ARENA
 Marcial do Lago — ARENA (SE)
 Mata Machado — MDB
 Maurício de Andrade — ARENA
 Milton Reis — MDB
 Murilo Badaró — ARENA
 Nisia Carone — MDP
 Nogueira de Resende — ARENA
 Ozanan Coelho — ARENA
 Padre Nobre — MDB
 Paulo Freire — ARENA
 Pedro Vidigal — ARENA
 Renato Azzeredo — MDB
 Simão da Cunha — MDB
 Sival Boaventura — ARENA

Teófilo Pires — ARENA (SE)
 Último de Carvalho — ARENA

São Paulo:

Adalberto Camargo — MDP
 Alceu de Carvalho — MDB
 Amaral Furlan — ARENA
 Aniz Badra — ARENA
 Arnaldo Mastrocolla — ARENA
 Athiê Couri — MDB
 Baptista Ramos — ARENA
 Broca Filho — ARENA
 Campos Vergal — ARENA (28 de dezembro de 1968)
 Cantídio Sampaio — ARENA
 Carlos Alves — ARENA
 Celso Amaiai — ARENA
 Chaves Amarante — ARENA
 Cunha Bueno — ARENA
 David Lerei — MDB
 Dias Menezis — MDB
 Dorival de Abreu — MDB
 Emerenciano de Barros — MDB
 Ewaldio Pinto — MDB
 Franco Montoro — MDP
 Gastone Righi — MDB
 Harry Normanton — ARENA
 Hélio Navarro — MDB
 Israel Novaes — ARENA
 Italo Mittipaldi — ARENA
 José Resegue — ARENA
 Lacorte Vitale — ARENA
 Lauro Cruz — ARENA (SE)
 Leonardo Monaco — ARENA (SE)
 Levi Tavares — MDV
 Lurtz Sabiá — MDB
 Mário Covas — MDB
 Nicolau Tuma — ARENA
 Paulo Abreu — ARENA
 Pedro Marão — MDB
 Plínio Salgado — ARENA
 Süssumu Hirata — ARENA
 Ulysses Guimarães — MDB
 Yukishige Tamura — ARENA

Goiás:

Anapolino de Faria — MDB
 Antônio Magalhães — MDB
 Ary Valadão — ARENA
 Benedito Ferreira — ARENA
 Celestino Filho — MDB
 Enival Caiado — ARENA
 Jales Machado — ARENA
 Joaquim Cordeiro — ARENA
 José Freire — MDB
 Lisboa Machado — ARENA
 Paulo Campos — MDP
 Rezende Monteiro — ARENA
 Wilmar Guimarães — ARENA

Mato Grosso:

Edyl Ferraz — ARENA
 Feliciano Figueiredo — MDP
 Garcil. Neto — ARENA
 Marcilio Lima — ARENA
 Rachid Mamede — ARENA
 Saldanha Derzi — ARENA
 Weimar Torres — ARENA

Paraná:

Accioly Filho — ARENA
 Agostinho Rodrigues — ARENA
 Antônio Anibelli — MDB
 Cid Rocha — ARENA
 Emilio Gomes — ARENA
 Fernando Gama — MDB
 Haroldo Leon-Pereis — ARENA
 Jorge Cury — ARENA
 José Richa — MDB
 Leo Neves — MDB
 Lyrio Bertolli — ARENA
 Maia Neto — ARENA

Santa Catarina:

Adhemar Ghisi — ARENA
 Albino Zemi — ARENA
 Araldo Carvalho — ARENA
 Carneiro Loyola — ARENA
 Doin Vieira — MDB
 Genésio Lins — ARENA
 Joaquim Ramos — ARENA
 Lenoir Vargas — ARENA
 Lígia-Doutel de Andrade — MDB
 Osmar Cunha — ARENA
 Osmar Dutra — ARENA
 Osni Regis — ARENA
 Paulo Macarini — MDB

Rio Grande do Sul:

Adylio Viana — MDB
 Alberto Hoffmann — ARENA
 Aldo Fagundes — MDB
 Amaral de Sousa — ARENA
 Antônio Bresolin — MDB
 Arlindo Kunsler — ARENA
 Arnaldo Frietto — ARENA
 Ary Alcântara — ARENA
 Brito Velho — ARENA
 Clóvis Pestana — ARENA
 Daniel Faraco — ARENA
 Euclides Triches — ARENA
 Floriceno Paixão — MDB
 Henrique Henkin — MDB
 Jairo Brun — MDB
 José Mandelli — MDB
 Lauro Leitão — ARENA
 Mariano Beck — MDB
 Matheus Schmidt — MDP
 Nadir Rossetti — MDB
 Paulo Brossard — MDB
 Vasco Amaro — ARENA
 Victor Issler — MDB
 Zaire Nunes — MDB

Amapá:

Janary Nunes — ARENA

Rondônia:

Emanuel Pinto — ARENA (30 de novembro de 1968)

Roraima:

Atlas Cantanhede — ARENA

O SR. PRESIDENTE:

(Aarão Steinbruch) — As listas de presença acusam o comparecimento de 41 Srs. Senadores e 296 Senhores Deputados. Hayendo número regimental, declaro aberta a sessão. Vai ser lida a ata.

O Sr. 2º Secretário procede à leitura da ata da sessão anterior, que é sem debate aprovada.

O SR. PRESIDENTE:

(Aarão Steinbruch) — A presente sessão foi convocada para a leitura da Mensagem n° 26-68 (CN), de 4 do mês em curso, com a qual o Presidente da República encaminhou ao Congresso Nacional, para tramitação na forma estabelecida no art. 54, § 3º, da Constituição, o Projeto de Lei n° 23, de 1968 (CN), que dá nova redação ao inciso IV do parágrafo único do art. 174 do Decreto-Lei n° 37, de 18 de novembro de 1966. Vai-se proceder à leitura da Mensagem pelo Sr. 1º Secretário.

E' lida a seguinte

Mensagem n° 26, de 1968
 (C.N.)

(N: 551, NA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

Excelentíssimos Senhores Membros do Congresso Nacional:

Na forma do § 3 do art. 54 da Constituição, tenho a honra de submeter à deliberação de Vossas Excelências, acompanhado de exposição de motivos dos Senhores Ministros de Estado da Fazenda, Planejamento e Coordenação Geral e das Minas e Energia, o anexo projeto de lei que dá nova redação ao inciso IV do parágrafo único do art. 174 do Decreto-Lei n° 37, de 18 de novembro de 1966.

Brasília, em 4 de setembro de 1968.

4. Costa e Silva.

E.M. nº 47-68-GB

EXPOSIÇÃO D'EMOTIVOS

Nº 47-68-GB

Em 15 de junho de 1968.

Excelentíssimo Senhor Presidente da República:

O Decreto-Lei n° 4.352, de 1º de junho de 1942, que autorizou a constituição da Cia. Vale do Rio Doce assegurou a empréstimo, em seu art. 9º, a isenção do imposto de importação e de todas taxas sobre os materiais e equipamentos importados.

2. A Cia. Vale do Rio Doce gozou daquela imunidade fiscal até o advento do Decreto-Lei n° 37, de 18 de novembro de 1966, que dispôs sobre o imposto de importação e revogou a maioria das isenções concedidas por leis anteriores.

3. Entretanto, o referido diploma legal, em seu art. 174, parágrafo único, inciso IV, manteve as isenções previstas nas Leis números 1.815, de 13 de fevereiro de 1953 (Empresas nacionais concessionárias de navegação aérea); 2.004 de 3 de outubro de 1953 (PETROBRAS); 3.890-A, de 25 de abril de 1961 (ELETROBRAS); e 5.173, de 27 de outubro de 1966 (SUDAM).

4. Destarte, foi excluída a Cia. Vale do Rio Doce da imunidade fiscal, de que gozava até agora.

5. Embora compreensível que se mantenha a isenção do imposto de importação para entidades incumbidas da execução de monopólio estatal, como a PETROBRAS, não se justifica todavia que dessa isenção seja excluída empresa sob o controle acionário da União, como a CVRD, que exerce atividade do maior interesse público, tanto mais quanto, da mesma isenção, se beneficiam sociedades privadas, como as empresas de navegação aérea e outras dedicadas à indústria gráfica ou à fabricação de fertilizantes e inseticidas.

6. Por outro lado, em face dos programas de desenvolvimento nacional, a CVRD pode ser considerada, sob certos aspectos, em situação semelhante à da ELETROBRAS, por isso que, se a esta cabe a execução da política de

energia elétrica, àquela incumbe importante função na política do minério de ferro e sua comercialização.

7. Cumpre, ainda, ressaltar que o Decreto-Lei n° 37 em seu art. 14, isenta do imposto as mercadorias utilizadas por empresas-exportadoras, desde que essas mercadorias sejam incorporadas aos produtos por elas exportados. Entretanto, nesse dispositivo não se enquadra a CVRD, que, embora sendo a maior empresa exportadora do País, para a realização de suas exportações de minério só importa equipamentos e peças para os mesmos.

8. Examinando o assunto à luz do espírito do Decreto-Lei n° 37, parece que não há razão para a revogação da isenção tributária concedida à CVRD, pela lei que autorizou a sua constituição.

9. Em vista do exposto e considerando que o restabelecimento daquela imunidade fiscal é da maior relevância para a expansão das atividades da Cia. Vale do Rio Doce, temos a honra de sugerir a Vossa Excelência o encaminhamento ao Congresso Nacional do anexo projeto de lei, que dá nova redação ao inciso IV do parágrafo único d. art. 174 do Decreto-Lei n° 37, de 18 de novembro de 1966, para o efeito de incluir, entre as isenções previstas no seu texto, a de que trata o art. 9º do Decreto-Lei n° 4.352, de 1º de junho de 1942.

Aproveitamos o ensejo para reiterar à Vossa Excelência os protestos do nosso profundo respeito. — José Costa Cavalcanti, Ministro das Minas e Energia — Antônio Deljim Netto, Ministro da Fazenda — Hélio Beltrão, Ministro do Planejamento e Coordenação Geral.

PROJETO DE LEI N° 23, DE 1968 (C.N.)

Dá nova redação ao inciso IV do parágrafo único do art. 174 do Decreto-Lei n° 37 de 18 de novembro de 1966.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º O inciso IV do parágrafo único do art. 174 do Decreto-Lei número 37, de 18 de novembro de 1966, passa a vigorar com a seguinte redação:

"IV previstas no Decreto-Lei número 4.352, de 1º de junho de 1942; Leis números 1.815, de 13 de fevereiro de 1953; 2.004, de 3 de outubro de 1953; 3.890-A de 25 de abril de 1961; 4.287, de 3 de dezembro de 1963; e 5.173, de 27 de outubro de 1966";

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º Revogam-se as disposições em contrário.

Brasília, em ... de de 1968.

LEGISLAÇÃO CITADA

DECRETO-LEI N° 37 DE 18 DE NOVEMBRO DE 1966

Dispõe sobre o imposto de importação, reorganiza os serviços aduaneiros, e dá outras providências.

O Presidente da República, usando a atribuição que lhe confere o art. 31, parágrafo único, do Ato Institucional n° 2, de 27 de outubro de 1965, decreta:

CAPÍTULO III

Comitê Brasileiro de Nomenclatura

TÍTULO VIII

Disposições Finais e Transitorias

Art. 174 Dentro de 2 (dois) anos, a partir da publicação deste Decreto-Lei ficará revogada toda e qualquer isenção ou redução do imposto de importação concedida por leis anteriores. Parágrafo único. Não estão compre-

endidas na revogação prevista neste artigo as isenções cu reduções:

"IV — Previstas nas Leis números 1.815, de 13 de fevereiro de 1953, 2.004, de 3 de outubro de 1953, 3.890-A de 25 de abril de 1961, 4.287, de 3 de dezembro de 1963; e 5.173, de 27 de outubro de 1966."

DECRETO-LEI N° 4.352 DE 1º DE JUNHO DE 1942

Encampa a Companhia Brasileira Itabira de Minação e Siderurgia S.A. e Itabira de Minação S.A., e dá outras providências.

Art. 6º Para exploração das jazidas de ferro de Itabira e do tráfego da Estrada de Ferro Vitória-Minas, fica o Superintendente autorizado a praticar todos os atos necessários à constituição de uma sociedade anônima nas condições adiante fixadas.

Art. 9º Fica assegurada a isenção do imposto de importação e demais taxas sobre os materiais e equipamentos importados com destino aos serviços previstos nesta Lei.

LEI N° 1.815 DE 18 DE FEVEREIRO DE 1953

Benificia as empresas concessionárias de linhas regulares de navegação aérea, e dá outras providências.

Art. 2º Com exceção do imposto de renda, ficam as mesmas empresas isentas do pagamento de todo e qualquer imposto federal e, bem assim, de direitos e taxas de importação e previdência social e do imposto de consumo, relativos a aeronaves montadas ou desmontadas e peças respectivas, motores e respectivas peças, gasolina apropriada, óleos e lubrificantes especiais, pneumáticos de aviões, aparelhos radiotelegráficos usados na aviação, instrumentos de navegação aérea, aparelhos salva-vidas para aeronaves, postes material e ferramentas para faróis e demais apetrechos para sinalização de aeródromos e hangares e oficinas reparados.

LEI N° 2.004 DE 3 DE OUTUBRO DE 1953

Dispõe sobre a política nacional do Petróleo e define as atribuições do Conselho Nacional do Petróleo, institui a sociedade por ações Petróleo Brasileiro Sociedade Anônima e dá outras providências.

Art. 23. A sociedade gozará de isenção de direitos de importação para consumo e de impostos adicionais em relação aos maquinismos seus sobresselentes e acessórios, ferramentais, instrumentos e materiais destinados à construção, instalação, ampliação, melhoramento, funcionamento, exploração, conservação e manutenção de suas instalações, para os fins a que se destina.

Parágrafo único. Todos os materiais e mercadorias referidos neste artigo, com restrição quanto aos similares de produção nacional serão desembaraçados mediante portaria dos inspetores das alfândegas.

LEI N° 3.89-A DE 25 DE ABRIL DE 1961

Autoriza a União a constituir a empresa Centrais Elétricas Brasileiras S.A. — ELETROBRÁS, e dá outras providências.

Art. 18. A sociedade e suas subsidiárias (VETADO) gozarão de isenção de tributos (VETADO) incidentes sobre a importação de maquinismos, seus sobresselentes e acessórios, aparelhos, ferramentas, instrumentos e materiais destinados à construção, ins-

talação, ampliação, melhoramentos, funcionamento, exploração, conservação e manutenção das instalações, desde que não existam similares de produção nacional.

LEI N° 4.287 DE 3 DE DEZEMBRO DE 1963

Concede isenção fiscal à Petrôleo Brasileiro S.A. e suas subsidiárias, a partir de 1º de janeiro de 1963, e dá outras providências.

Art. 1º A Petrôleo Brasileiro S.A. — PETROBRÁS e as demais empresas que vier a organizar nos termos da Lei nº 2.004 de 3 de outubro de 1953, ficam isentas de penalidades fiscais e do pagamento dos seguintes tributos federais:

"IV — impostos ou direitos de importação para consumo, inclusive adicionais e taxas de despacho aduaneiro, bem como emolumentos consulares, com relação aos maquinismos, seus sobresselentes e acessórios, aparelhos, ferramentas, instrumentos e materiais de qualquer natureza, destinados à construção, instalação, ampliação, melhoramento, funcionamento, exploração, conservação e manutenção de suas instalações, para os fins a que se destinem".

LEI N° 5.173 DE 27 DE OUTUBRO DE 1966

Dispõe sobre o Plano de Valorização Econômica da Amazônia.

Art. 38 A SUDAM goza da imunidade estabelecida no art. 31, item V, letra a, da Constituição Federal, bem como de todas as isenções tributárias deferidas aos órgãos e serviços da União.

O SR. PRESIDENTE:

Aarão Steinbruch) — De acordo com as indicações das Lideranças, está assim constituida a Comissão Mista incumbida de emitir parecer sobre o Projeto.

ARENA

Senadores

1. Carlos Lindemberg

2. Eurico Rezende

3. Raul Giubert

4. Antônio Carlos

5. Flávio Brito

6. José Leite

7. Paulo Torres

Deputados

1. Raimundo Andrade

2. Oceano Carleial

3. Cid Sampaio

4. Alberto Hoffmann

5. Jales Machado

6. Temístocles Teixeira

7. Montenegro Duarte

M D B

Senadores

1. Argemiro de Figueiredo

2. Rezeira Neto

3. José Fernírio

4. Desiré Guarani

Deputados

1. Celso Passos

2. Argilano Dario

3. Doin Vieira

4. Nysia Carone

E' o següinte o calendário que será ok ao da matéria:

Dia 10 de setembro — Instalação da Comissão Mista. — Escolha do Presidente e designação do Vice-Presidente e designação.

Dias 11, 12, 13, 16 e 17 de setembro — Apresentação de emendas perante a Comissão.

Dia 27 de setembro — Apresentação do Parecer pela Comissão.

Dia 28 de setembro — Publicação do Parecer.

Dia 3 de outubro — Discussão do Projeto.

Convocação das Congressistas para a sessão conjunta que será realizada no dia 10, às 21 horas, dos Deputados, discussão do Projeto de Lei nº 23, de 1968. — (C.N.). Nada mais havendo a tratar, encerra a sessão.

Encerra-se a Sessão às 20 horas e 40 minutos

ATA DA 68ª SÉSSÃO CONJUNTA, EM 5 DE SETEMBRO DE 1968.

2ª sessão Legislativa Ordinária, e 6ª Legislativa

PRESIDENCIA DO SR. AARÃO STEINBRUCH.

As 21 horas acham-se presentes os Srs. Senadores:

Adalberto Sena

Flávio Brito

Edmundo Levi

Milton Trindade

Cattete Pinheiro

Lobão da Silveira

Clodomir Milet

Sebastião Archer

Victorino Freire

Petrônio Portela

Sigefredo Pacheco

Menezes Pimentel

Duarte Filho

Dinarte Mariz

Argemiro de Figueiredo

Fernanda de Queiroz

Júlio Leite

Aloysio de Carvalho

Antônio Balbino

Josaphat Marinho

Carlos Lindemberg

Paulo Torres

Aarão Steinbruch

Vasconcelos Tôrres

Aurélio Vianna

Gilberto Marinho

Nogueira da Gama

Carvalho Pinto

Jão Abrahão

Armando Storni

Pedro Ludovico

Fernando Corrêa

Ney Braga

Atolpho Franco

Mello Braga

Celso Ramos

Antônio Carlos

Azílio Fontana

Guido Mondin
Daniel Krieger

E OS SRS. DEPUTADOS:

Acre:

Geraldo Mesquita — ARENA
Maria Lúcia Araújo — MDB
Mário Maia — MDB
Nossa Almeida — ARENA
Ruy Lino — MDB
Wanderley Dantas — ARENA

Amazonas:

Abraão Sabbá — ARENA
Bernardo Cabral — MDB
Carvalho Leal — ARENA (28.2.69)
José Lindoso — ARENA
Raimundo Parente — ARENA
Wilson Calmon — ARENA (1.11.69)

Pará:

Armando Corrêa — ARENA
Gabriel Hermes — ARENA
Gilberto Azevedo — ARENA
Haroldo Velloso — ARENA
Hélio Gueiros — MDB
Montenegro Duarte — ARENA

Maranhão:

Afonso Matos — ARENA (18.9.68)
Alexandre Costa — ARENA
Américo de Souza — ARENA
Cid Carvalho — MDB
Henrique de La Rocque — ARENA
José Burnett — MDB
José Marão Filho — ARENA
Nunes Freire — ARENA
Pires Saboia — ARENA
Temistócles Teixeira — ARENA
Vieira da Silva — ARENA

Piauí:

Chagas Rodrigues — MDB
Ezequias Costa — ARENA
Fausto Castelo Branco — ARENA
Joaquim Parente — ARENA
Milton Brandão — ARENA
Paulo Ferraz — ARENA
Sousa Santos — ARENA

Ceará:

Delmiro Oliveira — ARENA
Edilson Melo Távora — ARENA
Ernesto Valente — ARENA
Figueiredo Corrêa — MDB
Furtado Leite — ARENA
Hildebrando Guimarães — ARENA
17.1.69)
Jonas Carlos — ARENA
Leão Sampaio — ARENA
Manuel Rodrigues — ARENA
Martins Rodrigues — MDB
Wilson Roriz — ARENA
Rio Grande do Norte:
Agenor Maria — ARENA (23.1.69)
Alvaro Motta — ARENA (23.1.69)
Erivan França — ARENA (17.1.69)
Grimaldi Ribeiro — ARENA

Theodorico Bezerra — ARENA
Paraíba:

Bivar Dinhoto — MDB
Ernani Satyro — ARENA
Humberto Lucena — MDB
Janduhy Carneiro — MDB
João Fernandes — MDB (27.10.68)
Monsenhor Vieira — ARENA
Osmar de Aquino — MDB (29 de dezembro de 1968)
Pedro Gondim — ARENA
Plínio Lemos — ARENA (1.1.69)
Wilson Braga — ARENA

Pernambuco:

Aderbal Jurema — ARENA
Alde Sampaio — ARENA (31.12.68)
Andrade Lima Filho — MDB (31 de outubro de 1968)
Antônio Neves — MDB
Aurino Valois — ARENA
Cid Sampaio — ARENA
Geraldo Guedes — ARENA
João Roma — ARENA
José Carlos Guerra — ARENA
Josias Leite — ARENA
Milvernes Lima — ARENA
Paulo Maciel — ARENA
Petronílio Santa Cruz — MDB (7 de setembro de 1968)

Souto Maior — ARENA
Tabosa de Almeida — ARENA

Alagoas:

Alecsio Nonô — ARENA
Djalma Falcão — MDB
Luiz Cavalcante — ARENA
Medeiros Neto — ARENA
Oséas Cardoso — ARENA
Pereira Lúcio — ARENA
Segismundo Andrade — ARENA

Sergipe:

Arnaldo Garcez — ARENA
José Onias — ARENA (15.11.68)
Luis García — ARENA
Machado Rollemberg — ARENA
Passos Pôrto — ARENA
Raimundo Diniz — ARENA

Bahia:

Alves Macedo — ARENA
Clodoaldo Costa — ARENA
Edgard Pereira — MDB
Edvaldo Flôres — ARENA
Fernando Magalhães — ARENA
João Alves — ARENA
João Borges — MDB
Josaphat Azevedo — ARENA (SE)
José Penedo — ARENA
Luís Athayde — ARENA
Luiz Braga — ARENA
Mário Fiva — MDB
Ney Ferreira — MDB
Nonato Marques — ARENA (SE)
Odulfo Domingues — ARENA
Oscar Cardoso — ARENA
Raimundo Brito — ARENA
Rubem Nogueira — ARENA
Ruy Santos — ARENA
Theódulo de Albuquerque — ARENA

Vasco Filho — ARENA

Wilson Falcão — ARENA

Espírito Santo:

Argilano Dario — MDB (25.12.68)
Feu Rosa — ARENA
João Calmon — ARENA
Mário Gurgel — MDB
Oswaldo Zanotto — ARENA
Parente Frota — ARENA
Raymundo de Andrade — ARENA

Rio de Janeiro:

Adolpho de Oliveira — MDB
Afonso Celso — MDB
Altair Lima — MDB
Daso Coimbra — ARENA
Dayl de Almeida — ARENA
Getúlio Moura — MDB
José Saly — ARENA
Júlia Steinbruch — MDB
Mário de Abreu — ARENA
Mário Tamborindeguy — ARENA
Miguel Couto — ARENA (SE)
Paulo Biar — ARENA
Pereira Pinto — MDB (32.2.69)
Raymundo Padilha — ARENA
Sadí Bogado — MDB

Guanabara:

Arnaldo Nogueira — ARENA (UNESCO)

Breno Silveira — MDB
Cardoso de Menezes — ARENA
Erasmo Martins-Pedro — MDB
Hermano Martins-Pedro — MDB
Hermano Alves — MDB
Jamil Amiden — MDB
Márcio Moreira Alves — MDB
Mendes de Moraes — ARENA
Nelson Carneiro — MDB
Pedro Faria — MDB
Raul Brunini — MDB
Reinaldo Sant'Anna — MDB
Rubem Medina — MDB
Waldyr Simões — MDB

Minas Gerais:

Aécio Cunha — ARENA
Aureliano Chaves — ARENA
Bento Gonçalves — ARENA
Celso Passos — MDB
Dnar Mendes — ARENA
Edgar-Martins Pereira — ARENA
Elias Carmo — ARENA
Francelino Pereira — ARENA
Geraldo Freire — ARENA
Gilberto Almeida — ARENA
Guilherme Machado — ARENA
Guilhermino de Oliveira — ARENA
Gustavo Capanema — ARENA

Hélio Garcia — ARENA

Hugo Aguiar — ARENA

Israel Pinheiro Filho — ARENA

José Bonifácio — ARENA

José-Maria Magalhães — MDB

Luis de Paula — ARENA

Manoel de Almeida — ARENA

Manoel Tavares — ARENA

Marcelo do Lago — ARENA (SE)

Mata Machado — MDB

Mauricio de Andrade — ARENA

Milton Reis — MDB

Murilo Pachá — ARENA

Nísia Carone — MDB

Neaguia de Resende — ARENA

Ozanan Coelho — ARENA

Padre Nobre — MDB

Paulo Freire — ARENA

Pedro Vidigal — ARENA

Renato Azeredo — MDB

Simão da Cunha — MDB

Sinval Boaventura — ARENA

Teófilo Pires — ARENA (SE)

Último de Carvalho — ARENA

São Paulo:

Adalberto Camargo — MDB

Alceu de Carvalho — MDB

Amaral Furlan — ARENA

Aniz Badra — ARENA

Armindo Mastrocolla — ARENA

Athié Couri — MDB

Baptista Ramos — ARENA

Broca Filho — ARENA

Campos Vergal — ARENA (28.12.68)

Cantídio Sampaio — ARENA

Cardoso Alves — ARENA

Celso Amaral — ARENA

Chaves Amarante — ARENA

Cunha Bueno — ARENA

David Lerer — MDB

Dias Menezes — MDB

Dorival de Abreu — MDB

Emersoniano de Barros — MDB

Ewald Pinto — MDB

Franco Montoro — MDB

Gastone Righi — MDB

Harry Normaton — ARENA

Hélio Navarro — MDB

Israel Novaes — ARENA

Italo Fittipaldi — ARENA

José Resegue — ARENA

Lacorte Vitale — ARENA

Lauro Cruz — ARENA (SE)

Leonardo Monaco — ARENA (SE)

Levi Tavares — MDB

Lurtz Sabiá — MDB

Mário Covas — MDB

Nicolau Tuma — ARENA

Paulo Abreu — ARENA

Pedro Marão — MDB

Plínio Salgado — ARENA

Sussumu Hirata — ARENA

Ulysses Guimarães — MDB

Yukishige Tamura — ARENA

Goiás:

Anapolino de Faria — MDB

Antônio Magalhães — MDB

Ary Valadão — ARENA

Benedito Ferreira — ARENA

Celestino Filho — MDB

Emíval Caiado — ARENA

Jales Machado — ARENA

Joaquim Cordeiro — ARENA

José Freire — MDB
 Lisboa Machado — ARENA
 Paulo Campos — MDB
 Rezende Monteiro — ARENA
 Wilmar Guimarães — ARENA

Mato Grosso:
 Edyl Ferraz — ARENA
 Feliciano Figueiredo — MDB
 Garcia Neto — ARENA
 Marçilio Lima — ARENA
 Rachid Mamede — ARENA
 Saldanha Dérzi — ARENA
 Weimar Torres — ARENA

Paraná:
 Accioly Filho — ARENA
 Agostinho Rodrigues — ARENA
 Antônio Anibelli — MDB
 Cid Rocha — ARENA
 Emílio Gomes — RENA
 Fernando Gama — MDB
 Haroldo Leon-Perec — ARENA
 Jorge Cury — ARENA
 José Richa — MDB
 Leo Neves — MDB
 Lyrio Bertolli — ARENA
 Maia Neto — ARENA

Santa Catarina:

Adhemar Ghisi — ARENA
 Albino Zeni — ARENA
 Aroldo Carvalho — ARENA
 Carneiro Loyola — ARENA
 Doin Vieira — MDB
 Genésio Lins — ARENA
 Joaquim Ramos — ARENA
 Lígia-Doutel de Andrade — MDB
 Lenoir Vargas — ARENA
 Osmar Cunha — ARENA
 Osni Regis — ARENA
 Paulo Macarini — MDB

Rio Grande do Sul:
 Adylio Viana — MDB
 Alberto Hoffmann — ARENA
 Aldo Fagundes — MDB
 Amaral de Scusa — ARENA
 Antônio Bresolin — MDB
 Arlindo Kunsler — ARENA
 Arnaldo Prietto — ARENA
 Ary Alcântara — ARENA
 Brito Velho — ARENA
 Clóvis Pastana — ARENA
 Daniel Faraco — ARENA
 Euclides Triches — ARENA
 Floriceno Paixão — MDB
 Henrique Henkin — MDB
 Jairo Brun — MDB
 José Mandelli — MDB
 Lauro Leitão — ARENA
 Mariano Beck — MDB
 Matheus Schmidt — MDB
 Nadir Rossetti — MDB
 Paulo Brossard — MDB
 Vasco Amaro — ARENA
 Victor Issler — MDB
 Zafre Nunes — MDB

Amapá:

January Nunes — ARENA

Rondônia:

Emanuel Pinto — ARENA (30 de novembro de 1968)

Roraima:

Atlas Cantanhede — ARENA

SR. PRESIDENTE:

(Aarão Steinbruch) — As listas de presença acusam o comparecimento de 41 Srs. Senadores e 296 Senhores Deputados. Hayendo número regimental, declaro aberta a sessão. Vai ser lida a ata.

O Sr. 2º Secretário procede à leitura da ata da sessão anterior, que é sem debate aprovada.

O SR. PRESIDENTE:

(Aarão Steinbruch) — Sobre a mesa expediente que vai ler lido pelo Senhor 1º Secretário.

E lido o seguinte

Declaração

Da Grande Assembléia Nacional da República Socialista da Romênia, atinente aos princípios de base da política externa da Romênia.

A Grande Assembléia Nacional, reunida em Sessão Extraordinária, no dia 22 de agosto de 1968, julga necessário, como consequência da situação criada pela penetração das forças armadas de cinco países socialistas no território da República Socialista da Tchecoslováquia expôr, com toda a clareza ao nosso povo, à opinião pública internacional, a posição principal da Romênia em ligação com as relações entre os países socialistas, entre todos os estados do globo, sem diferença da ordem social.

A integral política externa do partido e do estado romeno é repassada de zelo e preocupação cheia de responsabilidade pela causa da amizade e colaboração entre os estados socialistas, da unidade do sistema socialista mundial, pelo descobrimento de caminhos capazes de superarem as dificuldades da coesão do movimento comunista e trabalhista internacionais. A atividade desenvolvida por nosso país no plano exterior demonstra plenamente que o Partido Comunista Romeno e o Governo da República Socialista da Romênia são animados por um profundo espírito internacionalista, que lhes são caras as relações de amizade fraterna com todos os países socialistas, com todos os partidos comunistas e trabalhistas com todas as forças que lutam contra o imperialismo, pela democracia e pelo progresso social, pela liberdade e independência nacionais, pela paz no mundo.

A Grande Assembléia Nacional, como todo o povo romeno, dá uma importância toda especial ao desenvolvimento da colaboração amistosa com todos os países do sistema socialista. A cooperação multilateral econômica, científica e cultural entre os países do CAER (Conselho de Ajuda Económica Recíproca) — do qual a Romênia participa ativamente — entre todos os estados socialistas, permite a aceleração do progresso de cada país em parte, o fortalecimento da força e do prestígio do sistema socialista no mundo inteiro.

A condição fundamental do desenvolvimento com sucesso dessa colaboração, do fortalecimento de suas alianças militares e políticas, da consolidação da unidade e coesão entre elas, da liquidação das divergências existentes — condições que tem sido motivo de pronunciamentos constantes do nosso partido e do estado — é o assentamento das relações na base dos princípios marxista-leninistas, do internacionalismo proletário, na base

do respeito da independência e da soberania de cada estado, da igualdade de direitos e não inscrição nos negócios internos, da vantagem recíproca e de ajudas amistosas entre os estados. Isto representa a chave do cume da unidade dos países socialistas e, exigência mais imperiosa do fortalecimento do sistema socialista mundial, um dos fatores fundamentais do qual depende o avanço para a frente da ordem socialista e comunista, a realização dos ideais dos povos que tomaram o destino em suas próprias mãos, dos ideais de justiça social e nacional de todos os povos.

É sabido que a maior aspiração dos povos na época contemporânea, aspiração que se firma com força irresistível na arena mundial, é a conquista do direito de cada qual decidir seu próprio destino, conforme o desejo e os seus interesses, sem interferência de fora, conquista e defesa da liberdade e independência nacionais, a consolidação da soberania de cada nação. Esse ideal caracteriza a luta de todas as forças revolucionárias das massas populares de toda parte, sendo um desiderado que atrai cada vez mais maior número de aderentes em todos os continentes, mobilizando e animando os círculos mais largos da opinião pública mundial.

Em tais condições, o supremo dever dos países socialistas consiste em oferecer um modelo convincente, vivo, da realização em vida desses ideais, da materialização em prática das aspirações dos povos ávidos de viverem em paz e amizade, estima e respeito reciprocos. Consideramos que a missão dos países socialistas, dos partidos comunistas e trabalhistas é a de situar-se permanentemente na vanguarda da luta revolucionária pela liberdade e independência nacionais, como porta-bandeira desses ideais ardentes da nossa época, mobilizar nessa luta todos os povos, a colossal frente anti-imperialista mundial.

A base objetiva para alcançar essa meta é a comunidade da ordem social de todos os países socialistas, a ideologia comum marxista-leninista, os interesses e os ideais supremos comuns de todo o movimento comunista e trabalhista.

A Grande Assembléia Nacional da República Socialista da Romênia expressa sua convicção que nada pode minar mais o prestígio internacional do socialismo, a autoridade dos estados socialistas na arena mundial, a influência dos ideais comunistas no mundo inteiro, que o pisoteio desses princípios nas relações entre os estados socialistas, o uso de métodos reprováveis de inscrição nos negócios internos de alguns países socialistas.

O emprego de semelhantes métodos, já de há muito condenados pelo movimento comunista e trabalhista internacional, já incriminados por todos os países socialistas — e mais ainda as intervenções armadas, a ocupação militar do território de um estado irmão — traz o mais grave risco à luta das forças revolucionárias de todos os países pelos ideais de liberdade social e nacional, pelo triunfo da causa de Marx, Engels e Lenine.

Somente os órgãos eleitos do partido e do estado carregam a responsabilidade dos destinos de uma nação socialista, podem decidir quando está e quando não está em perigo a causa do socialismo e as conquistas revolucionárias do povo, podem solicitar ou não a justa política, militar ou de qualquer outra natureza dos demais países socialistas.

Menosprezar esses órgãos, ação contra a sua vontade, e sem o seu conhecimento, apreciar a situação de um país socialista — e ação em consequência — na base de informações unilaterais ou tendenciosas de certos grupos ou pessoas, significa pisotear o princípio sacro da soberania de um povo socialista, dum partido comunista irmão dirigente, criar uma situação arbitrária extremamen-

te perigosa para as relações entre países socialistas, para a causa da colaboração e amizade entre os povos.

O fortalecimento da amizade e da colaboração entre os partidos e os nossos povos está estreitamente ligado à asseguração de informações mais amplas, corretas e objetivas da opinião pública de cada país, com vistas ao estudo de coisas de outros partidos ou países socialistas.

Sómente nesta base podem os povos conhecer as realidades dos demais países socialistas, sômente neste caminho pode-se contribuir de fato para o desenvolvimento da amizade e da colaboração entre os países socialistas, comunistas e trabalhistas.

As realidades políticas e a vida, demonstraram que única modalidade racial e eficiente da solução das divergências, dos pontos de vista diferentes entre os países socialistas, é a discussão amigável, baseada no respeito, na confiança reciproca entre as direções partidárias e estatais dos respectivos países, e descobrimento através de esforços pacientes, perseverantes, sinceros, de umas soluções reciprocamente aceitáveis, que possam eliminar os malentendidos entre os partidos e assegurar as relações de colaboração amigável e internacionalistas entre os países socialistas. Pro-nunciamento decididamente contra a prática de estígnias aplicadas a uns partidos de países socialistas irmãos, na base de informações colhidas de forma acima dos dirigentes de partidos e de estados. Tal prática só pode envenenar as relações e impedir a colaboração fraternal entre os partidos e os países socialistas. Por isso, devemos achar para eliminar totalmente e, duma vez para sempre, semelhantes práticas. Elas são estranhas aos princípios nos quais se baseiam as relações entre os partidos e os países socialistas, estranhas ao espírito marxista-leninista. Admiti-las continuamente na vida e na atividade dos partidos significaria tolerar o pisoteio dos princípios marxista-leninistas. Nossa partido está firmemente decidido a fazer tudo a fim de contribuir para a coroação em vida do sistema socialista mundial, do movimento comunista e trabalhista, dos princípios do comunismo, do marxismo-leninismo, tal como foram concebidos por Marx e Lenine, da nossa ideologia plenamente vitoriosa, que assegura a perspectiva da florescimento multilateral de todas as nações.

Ao mesmo tempo, consideramos que em caso algum os distintos pontos de vista, que podem surgir entre os países socialistas, em ligação com a interpretação de um ou outro problema da construção do socialismo, do movimento socialista e da situação internacional — não devem ter repercussão no plano das relações internacionais, nem levar a pressões econômicas, políticas ou de qualquer outra natureza.

A Grande Assembléia Nacional da República Socialista da Romênia, o partido e o governo, todo o povo romeno, declaram que estão firmemente decididos a achar nas suas relações de colaboração e amizade com os países socialistas, exclusivamente na base dos princípios do internacionalismo socialista, militando com firmeza pelo respeito do direito intocável de cada povo para decidir sózinho seu próprio destino, pela eleição de formas concretas da edificação do socialismo. E da competência exclusiva de cada partido comunista ou estado socialista de estabelecer métodos e práticas de construção da sociedade socialista, da política interna e externa do país, aplicando em modo criador os ensinamentos gerais do marxismo-leninismo na situação concreta do respectivo país. Isto não pode nem deve ser objeto de disputa ou de interferência nos negócios exteriores de um estado socialista.

A Romênia afirma sua plena lealdade para com as suas alianças políticas e militares com os países socialistas irmãos, sua firme decisão de respeitá-los devidamente, vendo nisso uma garantia para a defesa de cada estado socialista em face de uma agressão imperialista, da consolidação da força de defesa de todo o sistema socialista, da defesa da paz no mundo. A Grande Assembléia Nacional exprime o desejo do povo romeno de desenvolver as relações amistosas com os povos da União Soviética, com os quais somos ligados por velhas tradições de amizade e boa vizinhança, por laços de solidariedade internacionalista, de estender e fortalecer a aliança e a amizade duradoura com os demais países socialistas vizinhos, Iugoslávia, Bulgária, Hungria, com a Tcheco-slováquia, Polônia, República Democrática Alemaña — o primeiro estado socialista dos trabalhadores e camponeses da Alemanha com Albânia, com os estados socialistas da Ásia, República Popular Chinesa, República Democrática do Vietname, República Democrática da Coreia, Mongólia, com o primeiro estado socialista do continente americano, Cuba. A Grande Assembléia Nacional da República Socialista da Romênia dirige ao Supremo Soviet da URSS, aos parlamentos dos demais países irmãos, aos governos e partidos comunistas de todos os países socialistas irmãos, um apelo solene no sentido de fazer tudo pela firma promoção dos princípios internacionais das relações no seio do sistema socialistas, de não permitir de forma alguma o desrespeito desses princípios, atingir a liberdade, a independência e a soberania nacional de qualquer povo. Com isso nos colocamos na altura da confiança dos povos, na altura da confiança e anseios de toda a humanidade.

O desenvolvimento da vida internacional põe em evidência o perigo que vem representando para as conquistas revolucionárias e progressistas dos povos a atividade do imperialismo contemporâneo, que leva a cabo uma política agressiva, de tensão, intensificando complôs e golpes de Estado, provoca contra a independência dos povos, encoraja forças militaristas, cria e mantém focos de guerra pelo mundo. Em semelhantes condições, a asseguração da capacidade de defesa dos países socialistas e sua luta unida constituem um sagrado dever para os partidos comunistas e trabalhistas desses países, dos governos e órgãos supremos do Estado, um dever de suprema responsabilidade perante a classe operária e as forças da paz no mundo inteiro.

Conforme a essas finalidades e em consequência da criação do bloco agressivo NATO, foi criada a Organização do Tratado de Varsóvia, da qual a Romênia faz parte desde a sua fundação. Como membro do Tratado, a Romênia vem cumprindo firmemente o seu dever, tratando do fortalecimento de sua capacidade de defesa, de suas forças armadas, que velam pela tranquilidade e segurança da pátria, desenvolvendo a colaboração militar com as forças armadas dos demais países socialistas participantes do Tratado. Julgamos que enquanto existir o bloco da NATO, é necessária a manutenção da Organização de Varsóvia.

Ao mesmo tempo, a Romênia sublinha com toda a firmeza que o Tratado de Varsóvia foi criado exclusivamente como instrumento de defesa dos países socialistas contra uma agressão de fora, contra um ataque imperialista. Esta foi, é e será a única razão da sua existência. Por nenhum motivo, em caso algum, sob nenhuma forma a organização do Tratado de Varsóvia pode ser convocada para ações militares contra qualquer país socialista.

O Tratado de Varsóvia pode ser concebido somente como uma organi-

zação de uns estados socialistas igual em direitos. Por isso qualquer ato levado a efeito em nome do Tratado, qualquer ação militar cometida sob a sua égide deve ser o resultado de consultas e decisões comuns, unânimes, de todos os estados membros do Tratado, tal como foi previsto pelo mesmo. Medidas contrárias a essas normas não podem aliciar de modo algum o Tratado de Varsóvia como organização, todos os estados membros do mesmo.

No espírito do Tratado de Varsóvia, os países participantes têm por dever de se auxiliarem reciprocamente no caso de uma agressão imperialista, de conformidade com os princípios democráticos das normas constitucionais e com as próprias estipulações do Tratado; a solicitação da ajuda militar ou a decisão de participar numa ação militar comum pertencem à competência exclusiva dos órgãos legais do respectivo Estado. Estes e só eles estão em condições de decidirem nos assuntos de tamanha importância.

A vida dos povos e países socialistas, tem grande importância a realização dos princípios da diplomacia preconizada por Lenine, como uma diplomacia aberta, profundamente democrática e popular, emanacão da vontade e dos interesses de toda a raça. Um povo livre e dono do seu destino tem o direito de ser informado, de conhecer toda a atividade internacional do Estado, todas as obrigações derivadas dos tratados e pactos políticos e militares em que se acha como participante o respectivo país.

A Grande Assembléia Nacional considera que os tratados que ligam a Romênia aos demais países, devem ser aprovados de modo obrigatório pelo Supremo Fórum do Estado, para que todas as obrigações do nosso povo no que concerne à colaboração e cooperação militar com os demais países, qualquer cláusula atinente ao estacionamento de tropas aliadas no seu território, seja o resultado exclusivo da decisão expressa pelo parlamento, órgão supremo do poder de Estado da nossa nação socialista. Isto é absolutamente necessário para garantir que todos os compromissos do país sejam emanados da vontade soberana do povo, de toda a nação, para que o povo possa açãoar como um, unido na realização de tais compromissos.

A Grande Assembléia Nacional reafirma a conhecida posição da Romênia no sentido de desenvolver relações com todos os países, indiferente de sua ordem social, na base dos princípios de independência, soberania, igualdade e não ingenerância nos negócios internos, vantagem recíproca. Sómente o respeito destes princípios, que constituem normas fundamentais do Direito Internacional, podem garantir a firmeza do espírito de legalidade e justiça nas relações entre os Estados, pode assegurar o direito intocável de cada povo, para decidir sozinho seu próprio destino. A promoção consequente destes princípios, seu arraigamento na vida internacional é uma exigência de importância decisiva para o desenvolvimento das relações, de confiança entre os Estados, para a aproximação entre os povos e fortalecimento da amizade entre eles, pelo desenvolvimento da colaboração e para a consolidação da paz no mundo.

A Grande Assembléia Nacional aprecia altamente a atividade levada a efeito pelo governo romeno para o desenvolvimento das relações em todos os planos com os Estados do nosso continente, pela realização da segurança europeia, e considera que devem ser intensificados os esforços no sentido de assentar as relações entre todas as nações da Europa em novas bases, para uma proveitosa colaboração em todos os setores, entre todos os povos do continente, conforme aos

interesses da paz no mundo inteiro.

Neste encontro dirigimos a todos os parlamentos, aos órgãos supremos de direção, aos governos de todos os países, grandes ou pequenos, que se carregam da responsabilidade dos destinos das suas nações e da paz, o apelo no sentido de desenvolverem a cooperação internacional, de acomodarem mecanicamente pela diminuição da tensão, eliminação das fontes de suspeição nas relações entre os Estados, pela afirmação do espírito de colaboração e respeito reciproco na vida internacional, pela consolidação dum clima duradouro de paz no mundo inteiro.

Acionando nesse espírito, cumprimos uma das obrigações primordiais perante os nossos povos, perante o futuro do mundo inteiro.

A Romênia considera que é preciso agir com decisão para se chegar ao desarmamento geral e, em primeiro lugar, para se realizar no menor prazo possível, a eliminação das armas atômicas, as quais constituem um perigo para a própria existência da humanidade. Essas armas devem ser tiradas e consideradas fora da lei, para que os povos possam viver sem o espectro do perigo dum guerra termo-nuclear. Devemos fazer tudo pela realização deste desiderato da humanidade.

A Romênia participa ativamente da inteira atividade da Organização das Nações Unidas, orientada na diminuição da tensão, para garantir a paz e a segurança no mundo, militando com extraordinária atenção pela realização dos princípios inseridos na Carta dessa organização.

A Grande Assembléia Nacional julga que deve ser realizada a universalidade da Organização das Nações Unidas, para que todos os Estados do mundo possam levar a sua contribuição ativa no quadro dessa organização, melhorando a vida internacional, conforme os princípios da Carta ONU e suas finalidades. Esta organização tem por dever tomar todas as medidas necessárias quando a independência e a soberania de um Estado membro da organização são pisoteadas, quando o país torna-se objeto dum invasão armada estrangeira. O respeito à soberania e à independência de todas as nações do mundo é um dever internacional primordial.

A Grande Assembléia Nacional exprime sua plena aprovação política externa internacionalista desenvolvida pelo partido comunista romeno e pelo nosso governo, seus grandes esforços, pela liquidação da tensão entre os países socialistas, entre os partidos comunistas e trabalhistas, ao fortalecimento da unidade entre os países socialistas e partidos comunistas irmãos.

A Grande Assembléia Nacional aprova integralmente as conclusões da sessão comum do Comité Central do Partido Comunista Romeno, do Conselho de Estado e do Conselho dos Ministros, realizada dia 21 de agosto deste ano, como também as medidas adotadas nessa ocasião para superar o grave momento pelo que passam as relações entre os países socialistas. A grande Assembléia Nacional exprime sua desaprovação em face da imiscuição nos negócios internos do povo tcheco-slovaco, em face da intervenção militar dos cinco países na Tcheco-Slováquia. Ela manifesta sua convicção de que se tornam necessários novos e perseverantes esforços para a solução da crise surgida em consequência dessa intervenção militar contra o povo tcheco-slovaco. Os interesses supremos do socialismo e da paz requerem um apelo à razão, à compreensão, ao espírito amistoso. Ainda não é tarde para se fazer triunfar os princípios da colaboração internacionalista, para que sejam empreendidas medidas capazes de exigirem premissas para uma solução justa da crise resultante da intervenção na Tcheco-slováquia.

Por isso mesmo, a política promovida pelo partido e pelo governo é abraçada com confiança e afeição ilimitada por todos os homens do trabalho, indiferente da sua nacionalidade, por toda nossa nação socialista, sendo considerada pelo povo romeno como expressão fiel dos anseios e das aspirações fundamentais, dos supremos interesses tanto das gerações de hoje como de amanhã da nossa pátria. Realizando destenidamente essa política, o povo romeno cumpre seu sagrado dever para com a nossa pátria socialista, como também suas obrigações internacionalistas de agrupamento ativo da frente

quia e pelo melhoramento das relações entre os países socialistas.

O único caminho para extinguir o conflito criado, é a retirada imediata de todas as forças estrangeiras do território da Tcheco-slováquia, criação de condições dignas para o povo tcheco-slovaco para que o partido e o governo legais possam resolver seus problemas internos sem interferência de terceiros. É de importância vital que os órgãos do partido e do Estado constitucionais da Tcheco-slováquia possam desenvolver calmamente sua atividade de condução da vida econômica, política e social, e que só com esses órgãos seja lícito discutir sobre modalidade da solução da crise atual da Tcheco-slováquia. A Grande Assembléia Nacional exprime sua plena confiança na capacidade do povo irmão tcheco-slovaco, do seu partido comunista e do governo, dos órgãos eleitos legal e constitucionalmente, a fim de resolvêrem com sucesso os problemas internos do desenvolvimento de socialismo na Tcheco-slováquia, de vencerem as dificuldades criadas, de assegurarem o progresso da pátria no caminho do socialismo e do comunismo.

A Grande Assembléia Nacional convoca nestes dias todos os homens do trabalho, a classe operária, os camponeses, a intelectualidade, o povo inteiro, para que multipliquem seus esforços no sentido de coroar com êxito a realização no programa do desenvolvimento multilateral do país, elaborado pelo partido e pelo governo, com o afã de cumprir as grandiosas tarefas da construção do socialismo, pelo desenvolvimento da economia, da ciência, da cultura, da arte, pela realização da política do partido e elevação do nível de vida das massas, do florescimento da nossa nação socialista.

A Grande Assembléia Nacional reafirma a férrea vontade do partido e do governo, do Supremo Fórum do País, de fazer tudo para elevar a um grau superior a obra da socialização do socialismo, pondo como base de nossa inteira vida social os princípios da democracia socialista, que asseguram a participação ativa de todos os cidadãos da elaboração e realização da política interna e externa do país, da solução dos problemas de Estado, da ampliação multilateral da personalidade de cada, correspondente ao humanismo socialista, da valorização da energia, do talento e da capacidade de cada qual a serviço da sociedade e da pátria socialista.

Exprimimos a nossa convicção que nosso povo não poupará esforços pela realização dessas tarefas, unindo-se com maior força em torno dos dirigentes do partido e do Estado, formando um muro de defesa das nossas conquistas revolucionárias, da independência e soberania da pátria. A soberania e a independência nacionais são bens inestimáveis, que o povo romeno, encabeçado pelo partido comunista, conquistou numa luta plena de tremendos sacrifícios no final de uma jornada histórica tormentada. Elas são conquistas fundamentais da ordem socialista, que os homens do trabalho e o povo inteiro prezam como sua própria vida, pois delas depende sua própria vida e seu próprio futuro.

Por isso mesmo, a política promovida pelo partido e pelo governo é abraçada com confiança e afeição ilimitada por todos os homens do trabalho, indiferente da sua nacionalidade, por toda nossa nação socialista, sendo considerada pelo povo romeno como expressão fiel dos anseios e das aspirações fundamentais, dos supremos interesses tanto das gerações de hoje como de amanhã da nossa pátria. Realizando destenidamente essa política, o povo romeno cumpre seu sagrado dever para com a nossa pátria socialista, como também suas obrigações internacionalistas de agrupamento ativo da frente

revolucionária anti-imperialista mundial, obrigações perante a causa da unidade dos países socialistas, da colaboração e amizade entre todos os povos, da paz e segurança no mundo inteiro.

O SR. PRESIDENTE:

(*Aarão Steinbruch*) — Para o príncipe de breves comunicações estão inscritos vários Srs. Congressistas.

O primeiro deles é o Sr. Deputado Antonio Bresolin, a quem dou a palavra.

O SR. ANTONIO BRESOLIN:

(*Não foi revisado pelo orador*) —

Sr. Presidente, Srs. Congressistas, acabo de receber da cidade de Santa Maria, uma das mais progressistas cidades do Brasil, uma carta vassalada nos seguintes termos:

Santa Maria, 16 de agosto de 1968:

Excelentíssimo Senhor Deputado:

A Câmara Municipal de Santa Maria, RGS, por este intermédio, atendendo proposição de autoria do Vereador Alexandre da Cruz e subscrita pelos Vereadores Octávio Thomasi Filho — Idalécio R. dos Santos — Francisco Lemes — Adair M. Maciel — Abílio Albino Dalla Corte — José A. C. de Mello — Waldemar Kümmerl — Dario Leal da Cunha — Raphael Theodorico da Silva — Orcy de Oliveira — Erony Paniz e Paulo Brilhante, encaminha à Vossa Excelência, cópia de ofício dirigido ao Exmo. Sr. Romualdo da Costa e Silva, DD. Superintendente da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, para o qual estamos solicitando o apoio da Bancada de Vossa Excelência, na Câmara Federal.

Com elevada consideração e apreço, as nossas mais

Cordial Saudações — *Fernando Adão Schmidt*, Presidente.

Também recebi Ofício nº 670-GP. PF. 68, assinado por Fernando Adão Schmidt, que é o seguinte:

Santa Maria, 16 de agosto de 1968.

Excelentíssimo Senhor Superintendente.

A Câmara Municipal de Santa Maria, atendendo proposição de autoria do Vereador Alexandre da Cruz e que foi subscrita pelos Vereadores Octávio Thomasi Filho, Idalécio Rodrigues dos Santos — Francisco Lemes — Adair Mendes Maciel — Abílio Albino Dalla Corte — José Adão Correa de Mello — Waldemar Kümmerl — Dario Leal da Cunha — Raphael Theodorico da Silva — Orcy de Oliveira — Erony Paniz e Paulo Brilhante, apela à Vossa Excelência no sentido de que nos informe sobre os motivos pelos quais não estão sendo descontadas para o INPS, as diárias, ajudas de custo, bolsas de estudo e diárias-alimentação dos ferroviários que fazem jus a esses benefícios, quando a Lei da Previdência Social assim o determina.

Apela, outrossim, para que Vossa Excelência determine uma visita à para avaliação do grau de insalubridade e periculosidade em setores penosos, perigosos e insalubres, em recintos fechados, medindo a poluição e grau de agentes contaminantes.

Finalmente informados que o apelo ora endereçado, resulta de solicitações recebidas por esta Casa, de ferroviários que se sentem prejudicados pelo problema aqui exposto.

Agradecemos, antecipadamente as providências que confiamos serão determinadas por Vossa Ex-

celência e aproveitamos a oportunidade para apresentarmos as nossas mais

Cordial Saudações. — *Fernando Adão Schmidt*, Presidente.

Sr. Presidente, Srs. Congressistas desnecessário seria dizer que a Câmara de Vereadores de Santa Maria representa aqui — nesta correspondência, pelos meus companheiros do MDB e pela ARENA, conta com a minha integral solidariedade.

Santa Maria possui a maior cooperativa ferroviária da América Latina, nosso principal centro ferroviário do Rio Grande do Sul, Cidade Universitária por exceléncia de todo o Brasil. Os ferroviários daquela Cidade têm efetivamente necessidade de serem atendidos.

Voltaremos a esta tribuna quantas vezes se fizerem necessárias defendendo aqueles elementos que são instrumentos a serviço da comunidade brasileira e que na hora em que mais necessitam, são esquecidos pelo Governo.

Os ferroviários de Santa Maria consequentemente contam com a minha integral solidariedade. (*Muito bem*).

(*Aarão Steinbruch*) — Tem a palavra o nobre Deputado Cunha Bueno. (*Pausa*).

S. Exa. não está presente.

O SR. PRESIDENTE:

(*Aarão Steinbruch*) — Não há oradores inscritos.

Passa-se à Ordem do Dia.

A sessão foi convocada para apreciação de voto presidencial apósto ao Projeto de Lei nº 1.879-64, que autoriza o Poder Executivo a abrir, através do Ministério da Fazenda, o crédito especial de NCr\$ 910.388,66, destinado a atender às despesas decorrentes da aplicação da Lei nº 4.242, de 17 de julho de 1963, ao pessoal da Prefeitura do Distrito Federal.

O Veto atinge à totalidade do projeto.

Em discussão o projeto vetado. — (*Pausa*).

Não havendo quem peça a palavra encerro a discussão.

O SR. PRESIDENTE:

(*Aarão Steinbruch*) — Vai-se proceder à votação.

A chamada será feita a partir da representação dos Estados do Sul para o Norte. Seguir-se-ão as Bancadas de Territórios e por fim os membros da Mesa.

Convidado para escrutinadores, o nobre Senador Guido Mondin e os nobres Deputados Leonardo Mônaco, Henrique Henkin e Alberto Holmann.

Procede-se à chamada

Respondem à chamada e votam os Srs. Senadores:

Flávio Brito
Edmundo Levi
Cattete Pinheiro
Petrônio Portela
Menezes Pimentel
Argemiro de Figueiredo
Júlio Leite

Aloysio de Carvalho
Josaphat Marinho
Carlos Lindemberg
Raul Giuberti

Aarão Steinbruch
Gilberto Marinho
Nogueira da Gama
João Abrahão
Fernando Corrêa
Mello Braga
Celso Ramos

Antônio Carlos

Atílio Fontana

Guido Mondin

Respondem à chamada e votam os Srs. Deputados:

Acre:

Geraldo Mesquita — ARENA

Maria Lúcia Araújo — MDB

Mário Maia — MDB

Nosser Almeida — ARENA

Wanderley Dantas — ARENA

Amazonas:

Abrahão Sabbá — ARENA

Carvalho Leal — ARENA (28 de fevereiro de 1969)

Raimundo Parente — ARENA

Wilson Calmon — ARENA (1 de novembro de 1968)

Pará:

Armando Corrêa — ARENA

Gabriel Hermes — ARENA

Haroldo Velloso — ARENA

Hélio Gueiros — MDB

Juvêncio Dias — ARENA

Montenegro Duarte — ARENA

Maranhão:

Afonso Matos — ARENA (18-9-68)

Alexandre Costa — ARENA

Américo de Souza — ARENA

Cid Carvalho — MDB

Emílio Murad — ARENA

Eurico Ribeiro — ARENA

Freitas Diniz — MDB

Henrique de La Rocque — ARENA

José Burnett — MDB

José Marão Filho — ARENA

Luiz Coelho — ARENA (16-9-68)

Nunes Freire — ARENA

Pires Saboia — ARENA

Renato Archer — MDB

Temístocles Teixeira — ARENA

Vieira da Silva — ARENA

Piauí:

Chagas Rodrigues — MDB

Ezequias Costa — ARENA

Joaquim Parente — ARENA

Milton Brandão — ARENA

Paulo Ferraz — ARENA

Ceará:

Delmiro Oliveira — ARENA

Edilson Melo Távora — ARENA

Ernesto Valente — ARENA

Figueiredo Corrêa — MDB

Flávio Marcilio — ARENA

Furtado Leite — ARENA

Hildebrando Guimarães — ARENA (17-1-69)

Humberto Bezerra — ARENA

Leão Sampaio — ARENA

Martins Rodrigues — MDB

Wilson Roriz — ARENA

Rio Grande do Norte:

Agenor Maria — ARENA (23-1-69)

Álvaro Motta — ARENA (23-1-69)

Eriyan França — ARENA (17-1-69)

Xavier Fernandes — ARENA

Paraíba:

Bivar Olinto — MDB

Humberto Lucena — MDB

Janduhy Carneiro — MDB

João Fernandes — MDB (27 de outubro de 1968)

Pedro Gondim — ARENA

Wilson Braga — ARENA

Pernambuco:

Aderbal Jurema — ARENA

Alde Sampaio — ARENA (31-12-68)

Andrade Lima Filho — MDB (31 de outubro de 1968)

Antônio Nevé — MDB

Cid Sampaio — ARENA

Geraldo Gudes — ARENA

José-Carlos Guerra — ARENA

Milvernes Lima — ARENA

Souto Maior — ARENA

Tabosa de Almeida — ARENA

Alagoas:

Aloysio Nonô — ARENA

Djalma Falcão — MDB

Luiz Cavalcante — ARENA

Medeiros Neto — ARENA

Oséas Cardoso — ARENA

Pereira Lúcio — ARENA

Sergipe:

Arnaldo Garcez — ARENA

José Onias — ARENA (15-11-68)

Luís Garcia — ARENA

Machado Rollemburg — ARENA

Passos Pôrto — ARENA

Bahia:

Alves Macedo — ARENA

Clodoaldo Costa — ARENA

Fernando Magalhães — ARENA

João Alves — ARENA

João Borges — MDB

José Penedo — ARENA

Luis Athayde — ARENA

Luiz Braga — ARENA

Mário Piva — MDB

Ney Ferreira — MDB

Nonato Marques — ARENA (SE)

Odulfo Domingues — ARENA

Oscar Cardoso — ARENA

Raimundo Brito — ARENA

Ruy Santos — ARENA

Theódulo de Albuquerque — ARENA

Tourinho Dantas — ARENA

Vasco Filho — ARENA

Wilson Falcão — ARENA

Espírito Santo:

Argilano Dario — MDB (26-12-68)

Feu Rosa — ARENA

João Calmon — ARENA

Mário Gurgel — MDB

Parente Frota — ARENA

Raymundo de Andrade — ARENA

Rio de Janeiro:	Murilo Badaró — ARENA Nísia Carone — MDB Nogueira da Resende — ARENA Ozanan Coelho — ARENA Paulo Freire — ARENA Pedro Vidigal — ARENA Renato Azeredo — MDB Simão da Cunha — MDB Sinval Boaventura — ARENA Teófilo Pires — ARENA (SE) Último de Carvalho — ARENA	Joaquim Cordeiro — ARENA José Freire — MDB Lisboa Machado — ARENA Paulo Campos — MDB Rezende Monteiro — ARENA Wilmar Guimarães — ARENA	Clóvis Pestana — ARENA Daniel Faraco — ARENA Euclides Triches — ARENA Florígenes Paixão — MDB Henrique Menüin — MDB Jairo Brun — MDB José Mandelli — MDB Mariano Beçú — MDB Nadir Rossetti — MDB Paulo Brossard — MDB Vasco Amaro — ARENA Victor Issier — MDB Zaire Nunes — MDB
Guanabara:	São Paulo:	Mato Grosso:	Amapá:
Erasmo Martins-Pedro — MDB Jamil Amiden — MDB Márcio Moreira Alves — MDB Nelson Carneiro — MDB Pedro Faria — MDB Raul Brunini — MDB Reinaldo Sant'Anna — MDB Waldyr Simões — MDB	Adalberto Camargo — MDB Armindo Mastrocolla — ARENA Baptista Ramos — ARENA Campos Vergal — ARENA (23 de dezembro de 1968) Candido Sampaio — ARENA Cardoso de Almeida — ARENA (SE)	Edy Ferraz — ARENA Feliciano Figueiredo — MDB Garcia Neto — ARENA Marcilio Lima — ARENA Weimar Torres — ARENA	Janary Nunes — ARENA
Minas Gerais:	Celso Amaral — ARENA David Lerer — MDB Dias Menezes — MDB Dórisval de Abreu — MDB Emerenciano de Barros — MDB Hélio Navarro — MDB Israel Novaes — ARENA Italo Pittipaldi — ARENA José Resegue — ARENA Lacorte Vitale — ARENA Lauro Cruz — ARENA (SE) Leonardo Monaco — ARENA (SE)	Accioly Filho — ARENA Agostinho Rodrigues — ARENA Antônio Anibelli — MDB Cid Rocha — ARENA Emílio Gomes — ARENA Fernando Gama — MDB Haroldo Leon-Peres — ARENA José Richa — MDB Justino Pereira — ARENA Leo Neves — MDB Minoru Miyamoto — ARENA	Roraima:
Aécio Cunha — ARENA Aureliano Chaves — ARENA Batista Miranda — ARENA Bias Fortes — ARENA Celso Passos — MDB Dnar Mendes — ARENA Edgar-Martins Pereira — ARENA Geraldo Almeida — ARENA Guilherme Machado — ARENA Gustavo Capanema — ARENA Hélio Garcia — ARENA Hugo Aguiar — ARENA Israel Pinheiro Filho — ARENA José-Maria Magalhães — MDB Luis de Paula — ARENA Manoel Taveira — ARENA Marcial do Lago — ARENA (SE) Mata Machado — MDB Mauricio de Andrade — ARENA Monteiro de Castro — ARENA	Goiás:	Paraná:	Atlas Cantanhede — ARENA
	Antônio Magalhães — MDB Ary Valadão — ARENA Celestino Filho — MDB	Santa Catarina:	O SR. PRESIDENTE:
		Adhemar Ghisi — ARENA Albino Zeni — ARENA Carneiro Loyola — ARENA Doin Vieira — MDB Genésio Lins — ARENA Lenoir Vargas — ARENA Osmar Dutra — ARENA Osni Regis — ARENA Paulo Macarini — MDB Alberto Hoffmann — ARENA Aldo Fagundes — MDB Amaral de Sousa — ARENA Antônio Bresolin — MDB Arnaldo Prieto — ARENA Brito Velho — ARENA	(Aarão Steinbruch) — Responderam à chamada e votaram 242 Senhores Congressistas, número que coincide com o de sobrecartas encontradas na urna.
			Vai-se passar à apuração. (Precede-se à apuração).
			O SR. PRESIDENTE:
			(Aarão Steinbruch) — Está concluída a apuração que acusa o seguinte resultado:
			Cédula nº 1
			Materia a que se refere (Totalidade do projeto)
			Sim 78 votos Não 159 votos Em branco 4 votos Nulo 1 voto
			O voto foi mantido. Está encerrada a sessão. (Levanta-se a sessão às 22 horas e 40 minutos)

PREÇO DESTE EXEMPLAR. NCr\$ 0,10